



DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

PERCEÇÕES DOS RESIDENTES SOBRE OS IMPACTOS DO TURISMO NA
COMUNIDADE LOCAL

Marlene Quadros

UNIVERSIDADE DOS AÇORES
FACULDADE DE ECONOMIA E GESTÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM GESTÃO DO TURISMO INTERNACIONAL

PERCEÇÕES DOS RESIDENTES SOBRE OS IMPACTOS DO TURISMO NA
COMUNIDADE LOCAL

Marlene Quadros

Orientadora: Professora Doutora Ana Isabel Damião de Serpa Arruda Moniz

Coorientador: Professor Doutor José António Cabral Vieira

Ponta Delgada, setembro de 2016

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo principal avaliar a percepção dos residentes da ilha de São Miguel em relação aos impactos do turismo na comunidade local, resultantes da liberalização do espaço aéreo com a entrada de companhias *low-cost* em 2015, e identificar os fatores que poderão influenciar a opinião dos residentes em relação ao desenvolvimento do turismo.

Para atingir o objetivo proposto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre as percepções dos residentes, os impactos do turismo na comunidade local, os impactos do turismo em ilhas, os modelos de avaliação das atitudes e percepções dos residentes e os fatores que influenciam as percepções dos residentes face ao desenvolvimento do turismo, tendo em conta os princípios de desenvolvimento turístico sustentável.

Pretende-se determinar se as características sociodemográficas dos residentes e o grau de envolvimento no sector influenciam as suas opiniões e percepções e se é possível identificar grupos homogéneos de residentes com base nas suas percepções de impactos do turismo. A metodologia de investigação assenta na recolha de dados através de um inquérito por questionário aos residentes da ilha de São Miguel.

A identificação de clusters de residentes e o conhecimento do seu perfil será útil para o planeamento e gestão do destino, contribuindo para uma melhor compreensão da estrutura das reações da comunidade local em relação à atividade turística.

Palavras-Chave: percepções dos residentes, impactos do turismo, turismo sustentável, comunidade local.

ABSTRACT

This research aims to assess the perception of the impacts of tourism on the local community by the residents of São Miguel island, resulting from airspace liberalization and from the beginning of the operation of low-cost air companies in 2015. It also aims to identify the factors that may influence the opinions of residents regarding the development of tourism.

To achieve this purpose, a bibliographic research was made about the perceptions of residents, tourism impacts on local communities and small islands, the valuation models of the attitudes and perceptions of residents and the factors that influence attitudes and perceptions of residents regarding the development of tourism, taking account of the sustainable tourism development principles.

It is intended to determine whether the sociodemographic characteristics of the residents and the professional involvement in the sector influences their opinions and perceptions and whether it is possible to identify homogeneous groups of residents based on their perceptions of tourism impacts.

The identification of residents clusters and the knowledge of their profile will be useful for planning and destination management, contributing to a better understanding of the structure of the reactions of the local community in relation to tourism.

Keywords: residents' perceptions, tourism impacts, sustainable tourism, local community.

Aos meus pais, por todos os sacrifícios.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, um especial agradecimento aos meus orientadores, Professora Doutora Ana Isabel Damião de Serpa Arruda Moniz e Professor Doutor José António Cabral Vieira, por terem tão prontamente aceite o meu pedido de orientação, pela disponibilidade, sabedoria e por todo o apoio técnico e científico, para que fosse possível completar esta dissertação. Agradeço ainda ao Professor Doutor Armando Mendes, pelas suas sugestões relativas à análise de dados.

Gostaria de agradecer a todos os professores do mestrado, pelo seu empenho e dedicação ao transmitirem os conhecimentos que serviram de base ao desenvolvimento da dissertação.

Aos Serviços de Ação Social da Universidade dos Açores, pela atribuição de uma bolsa de estudo.

A todos os residentes e não residentes da ilha de São Miguel, que mostraram interesse e responderam ao questionário.

Agradeço a todos os meus amigos e colegas que me apoiaram, encorajaram e aconselharam, em especial, à Laura Aguiar, Carolina Rodrigues e Ana Lima, pela união, mútuo apoio e troca de conhecimentos. Ainda ao Rodrigo Cabral por todos os conselhos.

Agradeço aos meus pais, que, de longe, me prestaram todo o auxílio que precisei, pois, o seu apoio incondicional foi determinante para a realização deste trabalho.

Também quero agradecer a toda a minha família, que, apesar de estar distante, me apoiou, dando-me força e entusiasmo para nunca desistir.

Finalmente, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste projeto.

ÍNDICE

RESUMO	i
ABSTRACT	ii
AGRADECIMENTOS.....	iv
ÍNDICE	v
LISTAS DE TABELAS.....	vii
LISTAS DE GRÁFICOS	viii
LISTA DAS FIGURAS	ix
LISTA DE ABREVIATURAS	x
Capítulo I - Introdução	1
1.1. Justificação do tema	1
1.2. Objetivos	2
1.3. Estrutura da dissertação.....	2
Capítulo II - Conceitos e princípios do turismo	4
2.1 Introdução	4
2.2 Conceito de turismo	4
2.3 Desenvolvimento do turismo	6
2.4 Turismo sustentável.....	8
2.5 Turismo em ilhas de pequena dimensão.....	11
2.6 Conclusão.....	12
Capítulo III - Impactos do desenvolvimento do turismo na comunidade local.....	14
3.1 Introdução	14
3.2 Impactos do desenvolvimento do turismo.....	14
3.2.1 Impactos económicos	16
3.2.1 Impactos socioculturais.....	18
3.2.2 Impactos ambientais.....	20
3.3 Conclusão.....	22
Capítulo IV - Perceções e atitudes dos residentes em relação ao desenvolvimento do turismo .	24
4.1 Introdução	24
4.2 Perceções e atitudes dos residentes	24
4.3 Modelos e teorias que explicam e analisam as atitudes e perceções dos residentes ...	28
4.3.1 Modelo Irridex de Doxey	29
4.3.2 Teoria do ciclo de vida de Butler	31
4.3.3 Teoria das trocas sociais.....	34
4.4 Conclusão.....	35
Capítulo V - Metodologia da investigação.....	37

5.1. Introdução	37
5.2. Breve caracterização da ilha de São Miguel	37
5.3. Objetivos e questões da investigação	39
5.4. Desenho, estrutura e método de implementação do questionário	41
5.5 Recolha de dados.....	42
5.6 Conclusão.....	43
Capítulo VI - Análise e discussão dos resultados.....	44
6.1 Introdução	44
6.2 Análise dos resultados.....	44
6.2.1 Análise preliminar das respostas e caracterização sociodemográfica dos inquiridos.....	44
6.2.2 Opinião dos residentes sobre o turismo e perceções em relação aos impactos do turismo na comunidade	51
6.3 Perceções dos residentes em relação aos impactes do turismo	53
6.4 Classificação dos residentes em grupos homogéneos com base nos impactos do turismo.....	55
6.5 Testar as hipóteses.....	65
7.6 Conclusão.....	66
Capítulo VII - Conclusões, críticas e sugestões	67
7.1 Conclusões	67
7.2 Críticas e sugestões	67
Bibliografia	69
Anexo 1 - Questionário	75
Anexo 2	77

LISTAS DE TABELAS

Tabela 3. 1 - Impactos económicos positivos e negativos do desenvolvimento do turismo	18
Tabela 3. 2 – Impactos socioculturais positivos e negativos do desenvolvimento do turismo ...	20
Tabela 3. 3– Impactos ambientais positivos e negativos do desenvolvimento do turismo	22
Tabela 6. 1 - Opinião sobre o desenvolvimento do Turismo na ilha de São Miguel	51
Tabela 6. 2 - Como avalia o fluxo turístico, com a liberalização do espaço aéreo	51
Tabela 6. 3 – Opinião revelada em relação a um conjunto de afirmações sobre o turismo	52
Tabela 6. 4 – Medidas de estatística descritiva para a opinião manifestada	53
Tabela 6. 5 – Médias da opinião relativamente a um conjunto de afirmações por cluster	55

LISTAS DE GRÁFICOS

Gráfico 6. 1 - Percentagem de residentes inquiridos por tempo de residência na ilha.....	45
Gráfico 6. 2 - Percentagem de residentes inquiridos por concelho de residência	45
Gráfico 6. 3 - Percentagem de residentes inquiridos por faixas etárias	46
Gráfico 6. 4 - Percentagem de residentes inquiridos por estado civil.....	47
Gráfico 6. 5 - Percentagem de residentes inquiridos por dimensão do agregado familiar.....	47
Gráfico 6. 6 - Percentagem de residentes inquiridos por nível de escolaridade	48
Gráfico 6. 7 - Percentagem de residentes inquiridos por situação profissional	49
Gráfico 6. 8 - Percentagem de residentes inquiridos por situação financeira do agregado familiar	49
Gráfico 6. 9 - Percentagem de residentes inquiridos por envolvimento no setor do turismo	50
Gráfico 6. 10 – Médias para os impactos económicos nos quatro clusters.....	57
Gráfico 6. 11 – Médias para os impactos socioculturais nos quatro clusters.....	58
Gráfico 6. 12 -Médias para os impactos ambientais nos quatro clusters	59
Gráfico 6. 13 – Número de residentes por opinião sobre o desenvolvimento do turismo, por cluster	64
Gráfico 6. 14 – Número de residentes por avaliação do fluxo turístico, com a liberalização do espaço aéreo, por cluster.....	65

LISTA DAS FIGURAS

Figura 4.1 – Componentes comportamentais das atitudes	27
Figura 4.2 – Fatores extrínsecos e intrínsecos que afetam a reação dos residentes	28
Figura 4.3 – Modelo Irridex de Doxey.....	30
Figura 4.4 – Ciclo de vida do destino turístico.....	32
Figura 5.1 – Modelo de análise	40

LISTA DE ABREVIATURAS

INE – Instituto Nacional de Estatística

OMT – Organização Mundial do Turismo

PEM – Plano Estratégico e Marketing do Turismo para os Açores

SET – Social Exchange Theory

SPSS - Statistical Package for the Social Sciences

SREA – Serviço Regional de Estatística dos Açores

Capítulo I - Introdução

1.1. Justificação do tema

A investigação debruça-se sobre as perceções dos residentes sobre os impactos do desenvolvimento do turismo sobre a comunidade local. Estes impactos resultam da interação da comunidade local com os visitantes e o meio envolvente.

A escolha deste tema visa colmatar a insuficiente pesquisa sobre as perceções dos residentes relativamente aos impactos que o turismo está a causar na comunidade local, principalmente depois da liberalização do espaço aéreo na Região e do acréscimo de excursionistas de navios de cruzeiro, que provocaram um aumento exponencial do fluxo de visitantes. A literatura demonstra que o estudo das perceções de impactos do turismo numa comunidade afigura-se muito importante para o desenvolvimento sustentável da atividade turística.

Para um bom planeamento e desenvolvimento do turismo é fundamental conhecer e compreender as perceções, a opinião e as expectativas dos residentes face ao turismo e aos impactos económicos, sociais e ambientais que este provoca, assim como sobre a sua qualidade de vida, com o aparecimento de novas infraestruturas, novos serviços e novos equipamentos associados à atividade turística (Rivera, Croes e Lee, 2015).

Para que haja um desenvolvimento sustentável da atividade turística, é preciso proporcionar uma experiência de qualidade ao visitante, enquanto se contribui para a melhoria da qualidade de vida da população local e para a proteção do ambiente. Importa garantir o envolvimento e participação dos residentes neste processo, pelo que se considera pertinente avaliar se os residentes sentem que participam no processo de tomada de decisão quanto ao desenvolvimento do turismo na sua região.

O desenvolvimento do turismo deve ser feito de acordo com os princípios de sustentabilidade, tendo em atenção as necessidades e exigências da comunidade local. Por um lado, o bem-estar da comunidade local influencia o modo como esta interage com o turista e, por outro, a opinião do turista sobre o destino e o grau de satisfação com a visita são influenciados pela forma como este é acolhido pela comunidade local (Costa, Rita e Águas, 2004).

1.2. Objetivos

Com esta dissertação pretende-se estudar as opiniões, expectativas e perceções dos residentes em relação ao desenvolvimento do turismo na ilha de São Miguel e em relação aos impactos positivos e negativos que este tem sobre a Região e a sua qualidade de vida.

O estudo será feito tendo em vista a classificação dos residentes em grupos homogéneos (clusters) com base na opinião que manifestam em relação a um conjunto de dimensões associadas ao desenvolvimento do turismo e seus impactos e nas respetivas características sociodemográficas e grau de envolvimento profissional no sector.

A identificação destes clusters de residentes e o conhecimento do seu perfil será útil para o planeamento e gestão do destino, contribuindo para uma melhor compreensão da estrutura das reações da comunidade local em relação à atividade turística.

1.3. Estrutura da dissertação

Considerando o tema da dissertação e os objetivos de estudo, a presente dissertação encontra-se organizada em sete capítulos.

Neste primeiro capítulo, apresenta-se o motivo da escolha do tema, os objetivos da investigação e a estrutura da dissertação.

No segundo capítulo, é feita uma breve abordagem teórica ao conceito de turismo e ao desenvolvimento do turismo sustentável, referindo-se a importância da sustentabilidade no desenvolvimento turístico de ilhas de pequena dimensão.

No terceiro capítulo são discutidos os impactos económicos, socioculturais e ambientais que o processo do desenvolvimento do turismo provoca nas regiões de destino.

O quarto capítulo é dedicado ao modo como os residentes de uma região de destino percebem e reagem aos impactos do desenvolvimento do turismo. Nesse capítulo também são referidos alguns dos métodos que podem ser utilizados na avaliação das perceções dos residentes.

No quinto capítulo é exposta a metodologia da investigação adotada, descrevendo o objeto de estudo, os objetivos e questões da investigação e o processo de recolha e análise dos dados.

O sexto capítulo é dedicado à apresentação e análise dos resultados obtidos com a implementação do questionário.

Por último, no sétimo capítulo são apresentadas as conclusões do estudo.

Capítulo II - Conceitos e princípios do turismo

2.1 Introdução

O turismo é uma constante nos dias de hoje, e é definido “como a atividade económica decorrente das deslocações e permanências dos visitantes” (Cunha e Abrantes, 2013:15).

Ao longo dos anos, a definição de turismo tem sofrido alterações e adaptações. Vários foram os autores que contribuíram para a evolução da definição de turismo. Assim, neste capítulo há a necessidade de abordar a evolução do conceito de turismo e como o desenvolvimento das regiões de origem pode influenciar o desenvolvimento das regiões de destino, uma vez que essa influência tem consequências no comportamento da comunidade local. Também se aborda a importância de um desenvolvimento sustentável do turismo para que seja possível garantir o bem-estar da comunidade local e o equilíbrio dos recursos, atendendo às necessidades das gerações futuras.

O capítulo finaliza com uma abordagem ao desenvolvimento do turismo em ilhas de pequena dimensão, quais as suas vantagens e desvantagens.

2.2 Conceito de turismo

Inicialmente, surge o conceito de turista, e só depois é que aparece o de turismo, estando estes dois conceitos interligados, pois sem turista não existe turismo. Assim, as primeiras definições de turismo surgem no século XX, sendo que diversos autores, consideram o turismo como um fenómeno (Burkart e Medlik, 1981; Mathieson e Wall, 1982) e outros autores defendem que o turismo não é um fenómeno, mas sim uma atividade humana que depende da interação entre pessoas e a troca de recursos económicos, ambientais e socioculturais.

Em 1942, Hunziker e Krapf definiram o turismo como o “conjunto de relações e fenómenos originados pela deslocação e permanência de pessoas fora do seu local habitual de residência, desde que tais deslocações e permanências não sejam utilizadas para o exercício de uma atividade lucrativa principal, permanente ou temporária” (Eusébio 2006:10).

Já Cater e Lowman (1994) dizem que o turismo é uma indústria de moda, com produtos específicos, baseada em condições específicas de oferta e procura, influenciada pelas perceções, expectativas, atitudes e valores das pessoas.

McIntosh et al. (1995) defendem o turismo como sendo a soma dos fenómenos e relações decorrentes da interação dos turistas, fornecedores, governo e comunidade local no processo de atrair os visitantes.

Cunha (1997: 8) define o turismo como a “atividade económica decorrente dos movimentos turísticos”.

Cunha e Abrantes (2013:17) referem que o conceito de turismo proposto pela Organização Mundial de Turismo é "o conjunto das atividades desenvolvidas por pessoas durante as viagens e estadas em locais situados fora do seu ambiente habitual por um período consecutivo que não ultrapasse um ano, por motivos de lazer, de negócios e outros”.

Esta definição foca-se no lado da procura, excluindo o lado da oferta; esquecendo que, para realizar as atividades, é necessário estas serem fornecidas pelos destinos, para servir direta ou indiretamente os visitantes.

A definição de Mathieson e Wall é mais completa e descreve a complexidade da relação entre a oferta e a procura. Assim, para Mathieson e Wall (1982), o turismo é o movimento temporário de indivíduos para destinos fora dos seus locais habituais de

trabalho e residência, sendo que as atividades desenvolvidas durante a permanência nos destinos e as facilidades criadas para satisfazer as suas necessidades.

2.3 Desenvolvimento do turismo

O desenvolvimento do turismo resulta de alterações e transformações em diversos setores da sociedade, revertendo-se num processo evolutivo que deve ser estruturado a nível internacional, nacional, regional e local, para ser bem-sucedido, pois além de ser um movimento internacional de pessoas, tem impactos no destino.

De acordo com Louw (1990) o desenvolvimento é a realização das ambições de uma comunidade/sociedade. O bem-estar da comunidade pode aumentar, se aumentar o poder financeiro, a independência política e renovação social. A base desta alteração é o intercâmbio cultural provocado pela capacidade dos indivíduos se deixarem influenciar com o sucesso e a sua situação ou ambiente.

Os destinos tendem a desenvolver se com o aumento do turismo, por isso é considerado uma ferramenta de desenvolvimento, porque é responsável por uma parte do movimento económico das regiões onde se insere. O deslocamento constante de pessoas aumenta o consumo, motiva o aumento da produção de bens e serviços, possibilita a criação de emprego e gera maior rendimento nos destinos, isto provoca um efeito multiplicador na economia local.

O desenvolvimento do turismo é influenciado pelo desenvolvimento das regiões de origem dos visitantes, a nível económico, social, cultural e ambiental, afetando principalmente os residentes, como principais *stakeholders*, pois são os únicos que estão expostos aos múltiplos efeitos do desenvolvimento do turismo. Andereck e Vogt (2000) consideram que a aceitação da comunidade local deve ser um elemento a ter em conta, pois o desenvolvimento do turismo não é só a combinação da oferta de produtos turísticos

com a procura turística; o turismo envolve um conjunto de interações entre turistas e residentes. Se a comunidade não for envolvida no processo de planeamento pode ter uma perceção negativa do turismo. O envolvimento da comunidade no planeamento da estratégia turística é um fator importante a ter em consideração, pois dela depende o sucesso do desenvolvimento do turismo, bem como os impactos.

O modelo Irridex de Doxey (Doxey, 1975) defende que o desenvolvimento de um destino turístico tem várias fases (quatro) e em cada uma delas as atitudes dos residentes sobre o turismo variam contrariamente ao desenvolvimento do turismo.

Na fase inicial, que é a fase de Euforia, o número de turistas é reduzido e aceite pelos residentes. Também há interação entre o visitante e o residente, pois há curiosidade de ambas as partes. O turismo é visto como fonte de desenvolvimento, porque ao se melhorar o destino para se poder receber bem os turistas, naturalmente proporciona-se melhores condições de vida à comunidade local. Nesta fase, como os impactos negativos do turismo não são ainda percebidos pela comunidade, esta identifica-o como uma importante fonte de rendimento e bem-estar familiar.

A fase seguinte é a da Apatia, onde o contacto com o turista passa a ser basicamente comercial e formal, a sua presença é considerada garantida, pois o fluxo de turistas aumenta. O turismo nesta fase deixa de ser novidade e os turistas são valorizados, porque são considerados intermediários na obtenção de lucro.

A fase seguinte é a da Irritação, e começa quando os residentes se ressentem com as alterações ao quotidiano, provocadas pelo maior número de turistas presentes no destino. Isto porque os residentes começam a sentir os efeitos negativos do desenvolvimento do turismo, como por exemplo o aumento dos preços, passando a duvidar dos benefícios do turismo.

A última fase é a do Antagonismo. Nesta fase os residentes culpam os turistas pelos impactos negativos provocados pelo turismo. Contudo, é característico desta fase os custos com o desenvolvimento do turismo se sobreporem aos benefícios, pelo que os residentes alteram a atitude perante o turismo, tornando-se hostis para com os turistas, que ultrapassaram o número desejável.

A teoria do ciclo de vida do turismo de Butler também assume que as atitudes e percepções dos residentes se alteram consoante a fase de desenvolvimento do turismo (Butler, 1980).

2.4 Turismo sustentável

Para se poder perceber o conceito de turismo sustentável, é necessário primeiramente compreender o conceito de desenvolvimento sustentável. Na segunda metade do século XX, aquando da crise social e ambiental, que foi sentida mundialmente, a ONU elabora alguns estudos sobre as alterações climáticas, surgindo o termo desenvolvimento sustentável (Barbosa, 2008). Com a consciencialização dos problemas ambientais no mundo, em 1972, em Estocolmo, foi realizada a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, que ficou conhecida como a Conferência de Estocolmo, na qual foram delineados, pela primeira vez, os critérios e princípios comuns necessários para preservar e melhorar o ambiente humano. Com o agravamento dos problemas ambientais, em 1987, a Comissão Mundial para o Ambiente e o Desenvolvimento publica o relatório “O Nosso Futuro Comum”, ficando conhecido por Relatório de Brundland, em homenagem à então presidente da comissão, Gro Haalen Brundland. Neste relatório surge o conceito de desenvolvimento sustentável que é definido como sendo o processo que satisfaz as necessidades do presente não comprometendo a capacidade das futuras gerações de satisfazerem as suas próprias necessidades.

O desenvolvimento sustentável tem como princípios básicos a sustentabilidade ecológica, económica, social e cultural. A sustentabilidade ecológica concilia o desenvolvimento com a manutenção dos processos ecológicos, a diversidade e os recursos biológicos. A sustentabilidade económica garante que o desenvolvimento seja economicamente eficiente e os recursos sejam geridos de forma a permitir a sua utilização pelas gerações futuras. A sustentabilidade social e cultural garante que o desenvolvimento possibilite à população um maior controlo sobre o seu estilo de vida, mantendo as tradições locais e reforçando a própria identidade cultural (Moniz, 2009).

Assim, o desenvolvimento sustentável consiste na preservação de monumentos naturais como paisagens, fauna e flora, que, pela sua importância científica, cultural e social, apresentam um especial valor e necessitam de medidas específicas de conservação.

Em 1992, aquando da Cimeira do Rio, o conceito de desenvolvimento sustentável ganhou uma maior projeção, e passando a integrar a Agenda 21, documento elaborado para assegurar a sustentabilidade futura do planeta. Assim, o desenvolvimento sustentável é definido como um processo que permite o desenvolvimento sem degradar ou esgotar os recursos que tornam o desenvolvimento possível.

É com base nos princípios do desenvolvimento sustentável, que surgem os três pilares da sustentabilidade do turismo: eficácia económica, equidade social e sustentabilidade ambiental. A eficácia económica evidencia que o turismo deve gerar rendimento económico e criar emprego, permitindo o aumento dos níveis de vida e bem-estar da comunidade local em geral. A equidade social assume que o turismo deve assegurar o equilíbrio social e o respeito pelos valores e tradições, no processo de desenvolvimento turístico, evitando assimetrias sociais e económicas dentro da comunidade. A sustentabilidade ambiental deve garantir a existência futura dos recursos e valores natural através da proteção e preservação dos mesmos (Moniz, 2009).

Assim, e segundo o artigo 3º do Código de Ética da OMT (1999), para o turismo ser sustentável deve economizar os recursos naturais, principalmente a água e a energia, evitando dentro do possível a produção de desperdícios, e deve ser privilegiado e encorajado pelas autoridades governamentais locais, regionais, nacionais e internacionais.

No final dos anos 80, com o crescimento descontrolado do turismo, devido ao excesso de oferta por parte das agências de viagens, surge o turismo de massas, que leva a um desequilíbrio dos recursos, aumentando exponencial as zonas urbanas e degradando alguns território e ecossistemas. Com tudo isto, há uma maior consciencialização do impacto negativo que o turismo pode ter nas comunidades local, se não for planeado de forma sustentável. Com essa consciencialização dos problemas causados por um crescimento descontrolado e desequilibrado do turismo, surge o conceito de turismo sustentável. Este novo conceito não é um novo estilo de turismo, mas, sim, uma prática responsável que todos os setores envolvidos no turismo devem ter, e que todos os tipos de turismo devem ser (Barbosa, 2008; Rodrigues, 2012; Rodrigues et al., 2014).

Assim, turismo sustentável é definido pela OMT (2003:35) “como aquele que atende as necessidades dos turistas de hoje e das regiões recetoras, ao mesmo tempo em que protege e amplia as oportunidades para o futuro”.

Heras (2004, citada por Santos, 2011) defende que existem quatro razões para apoiar o turismo sustentável: razões éticas, científicas, ecológicas e económicas.

Razões éticas: relacionadas com o uso racional dos recursos, para que estejam disponíveis para as gerações futuras, pois a indústria do turismo converteu-se numa ameaça, devido à massificação do mesmo, pois a procura turística aumenta a cada ano.

Razões científicas: estas estão focadas na durabilidade da indústria turística, pois caso o turismo não seja desenvolvido de forma sustentável, respeitando o meio envolvente e a comunidade local, este não sobreviverá.

Razões ecológicas: destaca os impactos ambientais causados pela indústria turística, evidenciando as alterações provocadas no meio ambiente, que não podem ser evitadas, mas podem ser controladas e minimizadas.

Razões económicas: faz entender que a sustentabilidade económica está interligada com a sustentabilidade ambiental.

Segundo Swarbrook (1999), o conceito de turismo sustentável surge depois da II Guerra Mundial, com a implementação de planos para ordenar territorialmente uma Europa destruída. O mesmo autor ainda afirma que o conceito de turismo sustentável tende a acompanhar a evolução dos tempos, pois, como se pode verificar nas definições acima descritas, o conceito de turismo sustentável, com o desenvolvimento da atividade turística, é adaptado à evolução dos tempos.

É importante a sustentabilidade do turismo para que exista um maior controlo nos impactos provocados pelo turismo, principalmente nos negativos, que são necessários controlar e minimizar. Assim sendo, um turismo sustentável deve conservar a integridade do meio ambiente, melhorar e aumentar a qualidade de vida dos residentes, para que a experiência do turista seja única e de qualidade (Rivera et al., 2015).

2.5 Turismo em ilhas de pequena dimensão

O turismo em ilhas tem as suas vantagens e desvantagens, devido às características específicas das ilhas, tendo uma grande necessidade de conseguirem atingir um desenvolvimento sustentável, pois possuem economias e ambientes frágeis.

Ilhas são pequenas regiões que fazem parte de um país, dependendo fortemente dos meios de transporte aéreos e marítimos, para a entrada e saída de pessoas e mercadorias, também estão sujeitas as condições meteorológicas que podem condicionar as ligações aéreas e marítimas, e afetar negativamente os ecossistemas, fauna e flora características da paisagem local, quando as condições meteorológicas são extremamente adversas, chegando mesmo a danificar as paisagens (Cordeiro, 2008; Moniz, 2009).

A sua economia é vulnerável porque estão distantes dos mercados emissores, a produção é restrita devido à sua dimensão reduzida, extremamente sensível as oscilações do mercado e depende dos apoios do estado (Freitas, 2010)

As ilhas têm uma forte identidade cultural e belas paisagens com características únicas, que atraem os turistas, oferecendo, naturalmente, oportunidades para o desenvolvimento das ilhas, através da indústria do turismo. Esse desenvolvimento tem de ser racional, sustentável e bem planeado, sendo necessário criar medidas que protejam, em simultâneo, as suas tradições e cultura e os seus recursos naturais. Para tal é fundamental, ter em conta a sua capacidade de carga e as exigências do turismo aos outros setores da economia local, e encontrar um ponto de equilíbrio entre o setor do turismo e todos os outros setores (Cordeiro, 2008; Moniz, 2009; Freitas, 2010).

2.6 Conclusão

Neste capítulo, procurou-se aclarar o conceito de turismo e de turismo sustentável.

Observou-se que a complexidade da indústria turística e os problemas que advêm do seu desenvolvimento levam a que seja difícil implementar nos destinos turísticos um modelo cem por cento sustentável, pois envolve diversos intervenientes, desde as entidades governamentais que gerem e planeiam o desenvolvimento, aos diversos

stakeholders envolvidos no processo de desenvolvimento, entre eles os residentes. Estes últimos sentem os impactos do desenvolvimento turístico de forma mais intensa. A satisfação dos residentes depende da forma como o turismo se desenvolve: se for desenvolvido de forma sustentável, a probabilidade de os residentes perceberem que o turismo tem mais benefícios que custos para a sua qualidade de vida é maior.

Capítulo III - Impactos do desenvolvimento do turismo na comunidade local

3.1 Introdução

Neste capítulo são apresentados os impactos económicos, socioculturais e ambientais que o processo do desenvolvimento do turismo provoca nas regiões de destino.

Os impactos do turismo nas regiões de destino são sentidos primeiramente pela comunidade local do destino. Os impactos económicos são os primeiros a serem percebidos pela comunidade local e os mais fáceis de identificar e classificar. Já os impactos socioculturais são os mais difíceis de serem percebidos e identificados; devido à sua complexidade, este tipo de impactos resulta, principalmente das alterações do quotidiano da comunidade local. Os impactos ambientais na maioria das vezes são percebidos quando começam a ser visíveis, e os negativos são os que são identificados em primeiro lugar.

Os impactos do desenvolvimento do turismo vão aparecendo gradualmente ao longo das diversas fases do ciclo de vida do destino.

3.2 Impactos do desenvolvimento do turismo

Os impactos do turismo são consequências do desenvolvimento turístico na região de destino, podendo ser favoráveis ou desfavoráveis para a qualidade de vida da comunidade local. De acordo com o modelo Irridex de Doxey (Doxey, 1975) e a teoria do ciclo de vida de Butler (Butler, 1980), ao longo do ciclo de vida do destino os impactos vão aparecendo conforme a fase de desenvolvimento em que o destino se encontra e vão sendo percebidos pelos residentes, de forma distinta. Na fase inicial do desenvolvimento

turístico, os impactos são praticamente impercetíveis, mas como o aumento do número de turistas no destino, os impactos vão sendo mais percetíveis, sendo que são visíveis a degradação dos recursos naturais e dos ecossistemas, alterando a beleza natural do destino.

Os impactos económicos do turismo são os mais referenciados, aquando da análise dos impactos numa comunidade, mas devido à sua natureza complexa e multifacetada os impactos do turismo também se sentem ao nível ambiental e sociocultural. É importante analisar, de entre os impactos gerados pelo desenvolvimento do turismo, quais os que influenciam a qualidade de vida dos residentes (Rodrigues et al., 2014).

Foi nos últimos anos que o estudo da relação entre a qualidade de vida dos residentes e o turismo se tornou importante. O presente estudo analisa a perceção dos residentes em relação aos impactos do turismo. O turismo tem impactos positivos na qualidade de vida dos residentes, mas também tem impactos negativos, levando os residentes a não aceitar da melhor forma o desenvolvimento turismo e conseqüente hostilidade para com os turistas. Os impactos negativos advêm geralmente de falhas no planeamento estratégico do turismo; estes tendem a ser analisados com o intuito de se compreender onde o planeamento turístico falhou, para posteriormente reformular o plano estratégico, de forma que os impactos negativos sejam minimizados (Carneiro e Eusébio, 2015).

O desenvolvimento acelerado do turismo pode levar à alteração dos recursos que originalmente atraíram os turistas ao destino. Se o desenvolvimento do turismo for devidamente planeado, pode beneficiar social e culturalmente a comunidade local, fazendo com que esta tenha consciência da importância do seu património, tanto cultural como ambiental; a conservação da identidade do destino depende de como a comunidade reage ao impacto causado pelo turismo; já a conservação da paisagem do destino depende das medidas implementadas pelas entidades governamentais do destino. Caso se verifique

o contrário, se o turismo não for devidamente planeado, pode danificar a autenticidade da comunidade local, levando à comercialização da sua cultura e tentando imitar o estilo de vida dos visitantes e, conseqüentemente, destruir a paisagem que caracteriza o destino e o torna único (Lima, 2012).

É importante que o desenvolvimento do turismo seja sustentável, para minimizar os impactos negativos e maximizar os impactos positivos.

3.2.1 Impactos económicos

Muitos dos estudos realizados até hoje não identificam a totalidades dos impactos económicos do desenvolvimento do turismo na comunidade local, apenas referem que associados as despesas turísticas podem ocorrer alguns benefícios e custos (Eusébio, 2006).

Lima (2012), ao citar Mshenga et al. (2010), afirma que o turismo é um setor de grande importância para o crescimento económico dos países em desenvolvimento, pois os gastos feitos pelos turistas no destino favorecem os residentes, ajudando as pequenas e médias empresas locais a crescer e contribuindo para a criação e manutenção de postos de trabalho. Lima (2012) ainda salienta que o emprego gerado pela atividade turística, devido à sua natureza, é sazonal, e ainda que em alguns países de destino, nomeadamente nos países em vias de desenvolvimento, o emprego gerado é atribuído maioritariamente aos estrangeiros, por falta de controlo e planeamento do desenvolvimento do turismo, sendo que os trabalhadores locais ocupam postos de trabalho de natureza operacional.

Os impactos económicos são mais fáceis de quantificar, porque os indivíduos são mais sensíveis às alterações na economia e também porque são um setor que influencia o crescimento económico das regiões, trazendo muitas vantagens para a economia local. Este tipo de impacto tem efeito direto e indireto na economia local. Como efeitos diretos

temos a alteração da balança de pagamentos, o nível de emprego e a redistribuição de rendimento; como efeitos indiretos temos o efeito multiplicador, a alteração dos preços de determinados produtos e serviços e nos impostos (Eusébio, 2006; Souza, 2009; Pereira, 2010; Lima, 2012).

O desenvolvimento do turismo leva ao melhoramento das infraestruturas existentes ou mesmo à criação de novas infraestruturas para apoio à atividade turística, como por exemplo melhoramento das redes de transporte, do saneamento básico, e criação de novas unidades de alojamento. Contudo estas alterações têm impacto

s económicos positivos para a comunidade, gerando mais postos de trabalho e melhorando o rendimento disponível das famílias, além da comunidade local também beneficiar dos melhoramentos derivados do desenvolvimento turístico (Eusébio, 2006; Carneiro e Eusébio, 2015).

Os impactos económicos do turismo não são só benefícios - também tem os seus custos, muitas vezes ignorados pelas comunidades locais, por serem difíceis de avaliar (Souza, 2009). Um dos custos obtidos com o desenvolvimento do turismo é o custo de oportunidade, pois, muitas vezes, para se melhorar ou criar determinado recurso essencial ao desenvolvimento do turismo, é necessário abdicar ou adiar o melhoramento ou criação de outro recurso. Também é considerado um custo para a economia a excessiva dependência do capital estrangeiro, pois na maioria dos destinos os investimentos em instalações turísticas são de investidores estrangeiros, pelo que assim os benefícios obtidos com a atividade turística da região, não ficam na região, pois são distribuídos pelos investidores, sendo na maioria das vezes reinvestidos fora da região que os originaram. Outro custo para a economia local é a distorção na economia local, pois o desenvolvimento da atividade turística pode prejudicar outras atividades económicas da região. Isto acontece quando as outras atividades são abandonadas ou a mão-de-obra é

transferida para a atividade turística, ficando as outras atividades mais pobres em mão-de-obra e recursos, sendo que normalmente as atividades económicas a serem abandonadas são as mais tradicionais, por terem poucos benefícios para a região, originando perda de autenticidade (Souza, 2009; Renda, 2012; Lima, 2012)

Na tabela seguinte (Tabela 3.1), apresentam-se os principais impactos económicos positivos e negativos, gerados pelo desenvolvimento do turismo.

POSITIVOS	NEGATIVOS
O aumento das oportunidades de emprego para os residentes	O aumento da inflação
A estabilidade da estrutura económica	A dependência do turismo
O aumento da produção dos produtos locais	O aumento da propensão a importar
Contribuição para a diversificação da estrutura produtiva	O aumento das despesas públicas
A contribuição para o aumento do rendimento das famílias	A baixa taxa de retorno investimento
aumento do empreendedorismo nos destinos	O aumento dos custos dos inputs primários
A potencialidade do aumento das exportações	Efeitos nocivos em outras atividades económicas

Tabela 3. 1 - Impactos económicos positivos e negativos do desenvolvimento do turismo
Fonte - Elaborado com base na revisão da literatura

3.2.1 Impactos socioculturais

Os impactos socioculturais são os mais difíceis de identificar, numa fase inicial do desenvolvimento do turismo, ganhando visibilidade com a evolução da atividade turística. Estão relacionados com mudanças na experiência dos residentes, no seu comportamento quotidiano, nos seus valores, estilo de vida e nas manifestações culturais e artísticas do destino, sendo que estas alterações são o resultado das relações sociais entre os turistas e os residentes (Lima, 2012).

As alterações culturais e no dia a dia dos residentes tem consequências diretas no turismo e a relação social que advém da atividade turista tem impactos socioculturais nos residentes. Fatores como o tipo de turismo praticado, o desenvolvimento da região, a riqueza da cultura local, o tipo de alojamento e a frequência e concentração de turistas no tempo e no espaço, causam os impactos socioculturais. Estes têm origem na interação visitante-residente, pois cada uma das partes capta as características uma da outra, levando a alterações socioculturais, principalmente, nos residentes. A interação visitante-residente pode acontecer: quando o turista adquire um bem ou serviço local, quando turista e residente partilham o mesmo espaço físico e quando existe troca de informações entre visitante-residente, por um curto espaço de tempo, pois o visitante permanece no destino por um período reduzido. A intensidade dessa interação depende do nível de desenvolvimento em que o destino está e o tipo de turista (Boavida, 2012; Caneiro e Eusébio, 2015).

Como outros tipos de impactos, os impactos socioculturais também podem ser positivos ou negativos, podendo ainda ser de pouca ou muita intensidade, conforme o nível do desenvolvimento turístico do destino, das características dos turistas e da forma como os residentes reagem aos turistas. Além disso os residentes podem sentir a necessidade de atingir o mesmo nível de vida dos turistas, querendo assim mostrar aos visitantes que não há grande diferença cultural entre eles, originando o chamado efeito de demonstração. Este efeito é considerado um dos principais fatores na base das modificações socioculturais em vários destinos turísticos (Santos, 2011; Lima, 2012).

A vontade que os residentes sentem em ter um nível de vida equiparado ao dos turistas tem consequências positivas quando desperta nos residentes a ambição de melhorar a sua qualidade de vida, mas caso os residentes não consigam atingir um nível de vida próximo aos dos turistas, estes tendem a sentir-se frustrados, atribuindo a culpa do seu insucesso

aos turistas; conseqüentemente, os residentes deixam de ser hospitaleiros e simpáticos, tornam-se antipáticos e hostis para com os turistas, podendo mesmo chegar ao ponto de agredir os turistas (Santos, 2011; Lima, 2012).

Portanto, na Tabela 3.2 são apresentados os principais impactos socioculturais, positivos e negativos.

POSITIVOS	NEGATIVOS
Aumento do orgulho dos residentes na cultura local	Agravamento de desigualdades sociais
Melhoria de infraestruturas básicas	Afetação dos padrões morais da sociedade
Preservação da identidade cultural e do património;	Perda da autenticidade da comunidade
Criação de novas atividades de animação e lazer	Diminuição das atividades de lazer para os locais
Compreensão, aceitação e respeito por características, conceitos e culturas diferentes	Postos de trabalho ocupados por estrangeiros
	Salários inferiores para os trabalhadores locais e nacionais
	Aumento da insegurança e criminalidade
	Alterações das atividades tradicionais
	Aumento do tráfego

Tabela 3. 2 – Impactos socioculturais positivos e negativos do desenvolvimento do turismo
Fonte – Elaborado com base na revisão da literatura

3.2.2 Impactos ambientais

Os impactos ambientais são provocados pelas ações do homem e estão visíveis em todo o mundo (Santos, 2011) O homem altera o meio ambiente para melhorar o seu estilo de vida, mas esquece-se que, ao modificar o meio ambiente, perde qualidade de vida.

Estas modificações têm de ser feitas de forma sustentável e equilibrada, para garantir a qualidade de vida das gerações futuras. As ações do homem no meio ambiente provocam alterações diretas na biodiversidade: sobre-exploração, contaminação e disseminação das espécies e alterações climáticas. Estas alterações refletem-se com maior intensidade em contexto insular, devido a sua reduzida dimensão territorial. Os impactos com mais ênfase para os destinos insulares são: problemas de esgotamento e escassez de recursos naturais, devido a sua reduzida dimensão; serem mais propensos a erosão por terem uma grande área costeira; terem ecossistemas sensíveis; e elevada tendência para desastres naturais, como por exemplo terremotos, tempestades, furações e erupções vulcânicas (Freitas, 2010; Batista, 2010; Santos, 2011).

O turismo e o ambiente estão interligados, pois o ambiente tem os recursos base para o desenvolvimento do turismo. O ambiente na maioria dos destinos é o que, primeiramente, atrai os turistas, através das suas paisagens e monumentos naturais. Se estes forem degradados, o turista perde o interesse pelo destino, pois perde valor paisagístico. Um desenvolvimento turístico inadequado origina transformações negativas nas características físicas dos destinos. Também pode ter impactos negativos diretamente na qualidade de vida dos residentes, como por exemplo a poluição sonora, visual, do ar e da água, devido as atividades que ocorrem do turismo, que por vezes não decorrem de forma sustentável, desrespeitando as características do destino e destruindo a fauna e a flora das áreas naturais (Souza, 2009; Pereira, 2010; Santos, 2011; Lima, 2012).

Os impactos ambientais são impossíveis de evitar e os negativos são difíceis de controlar, mas são possíveis de minimizar, através de uma planeamento e gestão eficaz, contribuindo para a preservação do meio ambiente.

A maioria das investigações empíricas enumeram, principalmente, os impactos ambientais negativos, mas também há impactos positivos. Na Tabela 3.3 resumem-se os principais impactos ambientais.

POSITIVOS	NEGATIVOS
Conservação e proteção dos espaços físicos	Contaminação do ar e da água
Criação e manutenção de parques naturais	Poluição sonora e visual
Preservação da biodiversidade	Degradação da paisagem e da biodiversidade
Aumento da consciencialização ambiental	Desaparecimento da fauna e da flora
Criação de parques naturais	Escassez dos recursos naturais
Melhoria da qualidade do ambiente com o ordenamento do território	Contaminação arquitetónica

Tabela 3. 3– Impactos ambientais positivos e negativos do desenvolvimento do turismo
Fonte – Elaborado com base na revisão da literatura

3.3 Conclusão

Neste capítulo foram apresentados os diversos impactos que o desenvolvimento do turismo pode provocar numa região de destino. Os impactos podem ser económicos, socioculturais e ambientais. Além disso, podem ser considerados positivos ou negativos, tendo consequências na atividade turística, tanto para os turistas como para a comunidade local.

Os impactos do desenvolvimento do turismo são sentidos primeiramente pela comunidade local e têm efeitos diretos, indiretos e induzidos.

Ao longo das diversas fases do ciclo de vida dos destinos, os impactos do desenvolvimento do turismo vão aparecendo gradualmente e vão sendo percebidos pela comunidade local de diversas formas e cada indivíduo percebe os impactos de maneira

diferente. Se os impactos percebidos pela comunidade local forem positivos para a qualidade de vida dos residentes (comunidade local) estes tendem a aceitar o desenvolvimento do turismo e a participar nele, mas, se os residentes sentirem que os impactos do turismo são negativos para a sua qualidade de vida e bem-estar, poderão rejeitar o desenvolvimento do turismo e, conseqüentemente, gerar hostilidade para com os turistas.

Os impactos negativos deverão ser analisados aquando do planeamento do desenvolvimento do turismo, para que sejam compreendidos e posteriormente minimizados.

Capítulo IV - Percepções e atitudes dos residentes em relação ao desenvolvimento do turismo

4.1 Introdução

Dando continuidade ao capítulo anterior, neste capítulo é apresentado o modo como os residentes de uma região de destino percebem e reagem aos impactos do desenvolvimento do turismo.

Os residentes são importantes *stakeholders* da atividade turística de uma região de destino, e é importante para um desenvolvimento do turismo equilibrado e sustentável que os residentes sejam envolvidos no planeamento estratégico do turismo.

A satisfação dos residentes com o turismo depende de como percebem os impactos positivos e negativos do turismo. Se os residentes sentirem que o turismo traz mais benefícios que custos para o seu bem-estar e qualidade de vida, tendem a ter uma atitude favorável para o desenvolvimento do turismo.

A percepção dos residentes sobre os impactos do desenvolvimento do turismo varia consoante a fase do ciclo de vida em que se encontra o destino.

4.2 Percepções e atitudes dos residentes

Estudos afirmam que é importante para o desenvolvimento do turismo que os residentes sejam informados e se envolvam no planeamento estratégico (Scalabrini et al., 2014). Isto passa a ser fundamental para o desenvolvimento do turismo na comunidade local. O envolvimento dos residentes no planeamento faz com que as percepções e atitudes dos residentes sejam mais positivas sobre o turismo e há uma maior interação com os visitantes. Quando o visitante interage com o residente desenvolve um certo tipo de

empatia com o destino, contribuindo para o aumento da qualidade da experiência e da fidelização ao destino.

Os residentes são importantes *stakeholders* do turismo (Carneiro e Eusébio, 2010), e o seu apoio é essencial no processo de desenvolvimento do turismo, pois são os residentes que promovem a imagem do destino, e se sentirem que não obtêm benefícios com o desenvolvimento do turismo, podem desenvolver comportamentos desfavoráveis ao desenvolvimento do destino. As perceções dos residentes em relação aos impactos do desenvolvimento do turismo podem ser negativas ou positivas, variando de intensidade consoante o ambiente que os rodeia. Geralmente, os residentes acolhem os benefícios decorrentes da atividade turística, mas são bastante sensíveis aos impactos negativos da mesma. Para que os residentes participem e apoiem o desenvolvimento turístico, as suas necessidades e anseios tem de ser levadas em consideração (Scalabrini, et al., 2014).

Para qualquer destino turístico, um planeamento estratégico sustentável do turismo tem de ter em consideração a qualidade da experiência do visitante e a qualidade de vida e bem-estar dos residentes, para que os custos sejam minimizados e os benefícios maximizados, de ambas as partes (Eusébio e Carneiro, 2012). Como os residentes são os primeiros a sentirem os impactos do desenvolvimento do turismo, é extremamente importante que os responsáveis pelo planeamento avaliem as suas perceções e atitudes em relação ao desenvolvimento do turismo, para que seja possível garantir o seu apoio no crescimento turístico, evitando conflitos e sentimentos negativos. Integrar os residentes no processo de desenvolvimento do destino, faz com que estes percecionem impactos positivos do turismo, desenvolvendo atitudes favoráveis para com os visitantes (Souza, 2009; Rodrigues, 2012; Eusébio e Carneiro, 2012; Scalabrini et al., 2014).

Como a comunidade de destino é afetada, positiva ou negativamente, pelo desenvolvimento turístico, esta entende o turismo de forma distinta e tende a agir

conforme as percepções obtidas. Assim as atitudes dos residentes podem afetar o desenvolvimento do turismo: se a percepção for positiva, pode favorecê-lo, mas se for negativa pode prejudicar e dificultá-lo (Renda, 2012).

Segundo Reisinger e Tuner (2003), as percepções são a caracterização que um indivíduo faz de uma pessoa, objeto ou acontecimento, dependendo do contexto que o envolve. As percepções podem ser divididas em três categorias: percepções sobre outras pessoas, percepções sobre o próprio indivíduo e percepções da percepção.

As percepções sobre outras pessoas acontecem quando um indivíduo faz interpretações de outro indivíduo ou grupo de indivíduos. As percepções sobre o próprio acontecem quando o indivíduo interpreta as suas próprias percepções. As percepções da percepção são quando as outras pessoas compreendem como são avaliadas.

Na psicologia, as atitudes são apreendidas através das emoções e crenças, determinando a forma como um indivíduo pensa, sente e se comporta em relação a outras pessoas, objetos ou acontecimentos. O comportamento do indivíduo é coerente com a informação retida, positiva ou negativa, podendo este aproximar-se ou afastar-se do objeto da atitude, e estão fortemente ligadas aos valores e a personalidade de cada indivíduo. Deste modo, as atitudes são dificilmente alteradas (Coelho, 2010; Santos, 2011).

As atitudes são suscetíveis à mudança e podem alterar-se de acordo com as suas componentes cognitivas, afetivas ou comportamentais. A componente cognitiva é constituída pelo conhecimento que o indivíduo tem de determinado objeto ou a forma como o objeto é compreendido. A componente afetiva envolve os sentimentos e emoções de um indivíduo para com determinado objeto, pessoa ou acontecimento, podendo ser fracos ou fortes, positivos ou negativos. A componente comportamental reflete a intensão

de agir a um determinado objeto, pessoa ou acontecimento, podendo ser de aproximação ou distanciamento (Coelho, 2010; Santos, 2011; Stylidis et al., 2014; Jordan et al., 2015; Rivera et al., 2015).

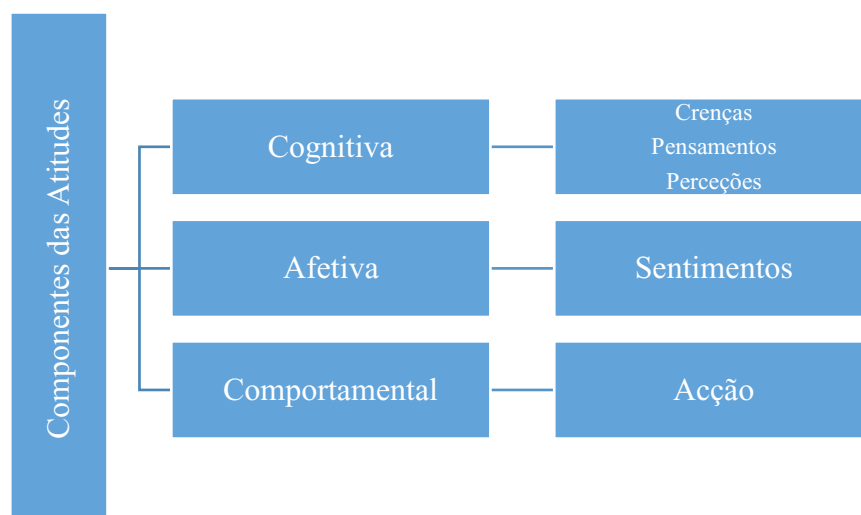


Figura 4.1 – Componentes comportamentais das atitudes
Fonte – Elaboração com base na revisão da literatura

As percepções e atitudes dos residentes podem ser influenciadas positiva ou negativamente por diversos fatores. Esses fatores podem ser extrínsecos ou intrínsecos. Os fatores extrínsecos são os fatores externos ao indivíduo, nomeadamente fatores ao nível macro. Este tipo de fatores influenciam as reações dos indivíduos perante o desenvolvimento do turismo e têm impacto em toda a comunidade. Para a presente investigação, os fatores macro com mais impacto são o nível de desenvolvimento e o nível de atividade turística. Os fatores intrínsecos, por sua vez, são as características individuais dos membros da comunidade, considerando com maior importância para esta investigação as características sociodemográficas dos residentes, o tempo de residência no destino, o nível e o tipo de contacto com os visitantes e a dependência económica dos residentes face ao turismo. Além destes fatores, é necessário também considerar a

interação social do indivíduo com a família, os amigos e os visitantes, que influencia diretamente o indivíduo, aquando da formulação das suas perceções e atitudes.



Figura 4.2 – Fatores extrínsecos e intrínsecos que afetam a reação dos residentes
Fonte – Elaborado com base na revisão da literatura

Como a revisão da literatura demonstra, as perceções e atitudes dos residentes têm por base as suas experiências e vivências, pois variam consoante o grau de envolvimento de cada indivíduo, e são influenciadas pela interação social com a família, amigos e visitantes. Também podem variar de acordo com a fase do ciclo de vida do destino. Vários investigadores apresentam diversos modelos e teorias que explicam como as atitudes e perceções dos residentes podem variar.

4.3 Modelos e teorias que explicam e analisam as atitudes e perceções dos residentes

Os primeiros modelos criados foram o modelo Irridex de Doxey (1975) e a Teoria do Ciclo de Vida de Butler (1980). Estes modelos são a base de muitos estudos sobre as

percepções dos residentes sobre os impactos do desenvolvimento do turismo. Estes dois modelos focam-se nas diferentes percepções dos residentes em relação às diferentes fases de desenvolvimento do destino. Estes modelos apresentam restrições e não consideram as particularidades de cada destino. A partir das críticas a estes modelos, foram surgindo outros. Vários investigadores tentam colmatar as restrições que os modelos de análise das atitudes e percepções dos residentes apresentam. No entanto, não há modelos padronizados que possibilitem analisar e comparar as atitudes e percepções dos residentes em vários destinos turísticos, pois cada destino tem características particulares e ímpares, que influenciam as atitudes e percepções de cada comunidade ou indivíduo, sendo difícil estabelecer parâmetros que possibilitem a comparação de resultados entre destinos turísticos.

São apresentados, nos subcapítulos seguintes, alguns dos modelos e das teorias que surgiram ao longo dos anos, incluindo os dois modelos apresentados anteriormente.

4.3.1 Modelo Irridex de Doxey

Doxey, em 1975, concebe um modelo que interpreta a relação dos residentes com os visitantes, a medida que o turismo vai-se desenvolvendo e complexificando no destino turístico. Este modelo explica as atitudes dos residentes face ao desenvolvimento turístico, influenciadas pelos impactos provenientes da atividade turística e sentidos pelos residentes. Este modelo apresenta quatro fases de desenvolvimento turístico: euforia, apatia, irritação e antagonismo, em cada uma das fases a conexão do residente com o visitante varia, como pode ser observado na figura seguinte. Scalabrini et al. (2014), aquando da sua investigação, citam Cordero (2008), que defende que este modelo não considera as especificidades de cada comunidade.

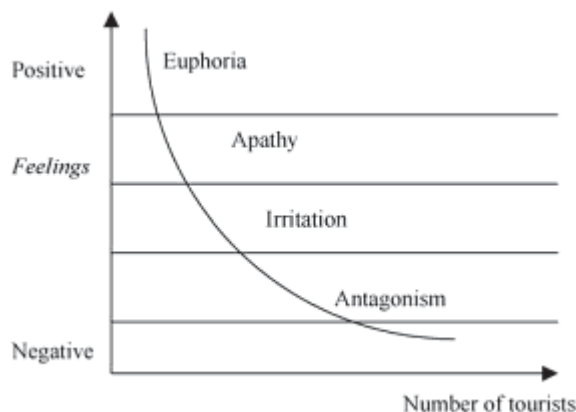


Figura 4.3 – Modelo Irridex de Doxey
Fonte – Doxey, 1975

A fase da euforia é o primeiro estágio do modelo, e é descrito desta forma, porque os residentes nesta fase ficam entusiasmados com o desenvolvimento turístico, e com a expectativa de melhores condições de vida e oportunidades de negócio os impactos negativos ainda não são pressentidos. O residente acolhe com satisfação os visitantes, pois nesta fase o número de visitantes é reduzido e o contacto com os mesmos é equilibrado e frequente.

A fase seguinte é da apatia, o segundo estágio do modelo. Aqui o turismo deixa de ser visto como novidade e o contacto visitante-residente é basicamente comercial e formal, passando o turista a ser olhado como fonte de riqueza e a sua presença no destino garantida. Nesta fase o desenvolvimento turístico acentua-se, com investimentos em novas infraestruturas de apoio ao turismo. Os residentes reagem de forma apática ao desenvolvimento do turismo e aos turistas.

Na próxima fase, o terceiro estágio do modelo, a fase da irritação, como o próprio nome indica, é a fase onde os residentes começam a ficar irritados com o desenvolvimento turístico e o número de turistas. Nesta fase as políticas são de continuar a crescer para continuar a desenvolver o turismo ao invés de limitar o crescimento turístico. É nesta fase

que os residentes começam a ter percepção dos impactos negativos do turismo, como, por exemplo, o aumento dos preços e do tráfego. Os residentes ficam descontentes com as alterações ao seu cotidiano, para satisfazer as necessidades dos visitantes, sendo as suas próprias necessidades esquecidas.

A última fase, o quarto estágio do modelo, é definida por ser o estágio do antagonismo, onde a percepção e atitudes dos residentes sobre o desenvolvimento do turismo são modificadas e estes veem o visitante como o principal responsável por todas as alterações negativas ocorridas no destino. Os residentes sentem que não controlam a situação e estão demasiado dependentes da atividade turística. Nesta fase os residentes estão ainda mais irritados que na fase anterior, e são contra o desenvolvimento do turismo.

Apesar de ser um dos modelos mais utilizados em estudos sobre as percepções e atitudes dos residentes sobre o turismo, como já referido acima, o modelo Irridex é considerado simplista, porque analisa a comunidade como um todo, deixando de parte as individualidades de cada indivíduo e considera que todas as comunidades reagem da mesma forma ao desenvolvimento do turismo.

4.3.2 Teoria do ciclo de vida de Butler

Butler (1980) afirma que os destinos turísticos também têm ciclo de vida, tal como um produto. O ciclo de vida do destino serve para determinar o grau de desenvolvimento do destino e é uma ferramenta de apoio ao planeamento estratégico do turismo. Em 1980, Butler publicou a teoria do ciclo de vida do destino. Ao longo dos anos, a teoria tem sido criticada, mas, mesmo assim, tem servido de base a muitos estudos.

Alguns autores (Haywood, 1986; Knowles, 1996; Berry, 2001 e Cooper, 2002) retificaram a teoria defendendo que o ciclo de vida do destino, quando atinge a última fase, além de ter o declínio como hipótese, também pode levar à estabilização ou ao rejuvenescimento do destino.

Assim, o ciclo de vida de um destino turístico divide-se em seis fases: exploração, envolvimento, desenvolvimento, consolidação, estagnação e pós-estagnação, como podemos analisar na figura seguinte.

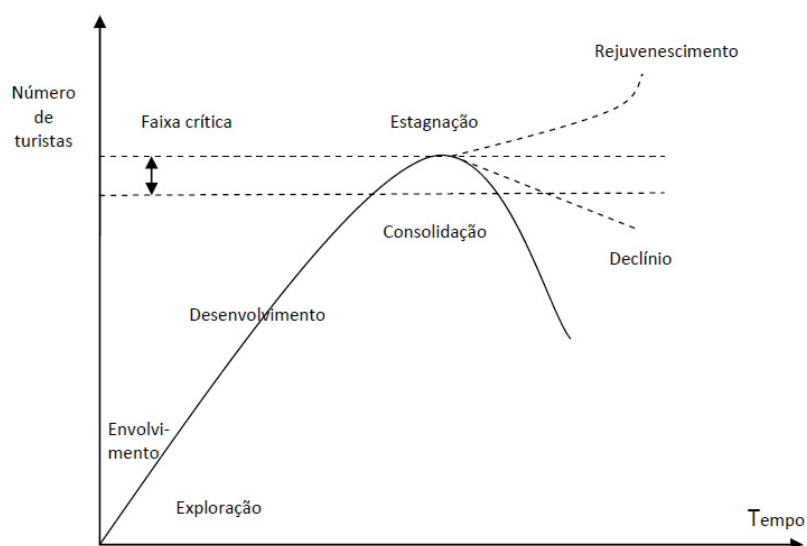


Figura 4.4 – Ciclo de vida do destino turístico
Fonte – Butler 1980

A fase da exploração é a primeira fase. Como o próprio nome indica é a fase onde o destino começa a ser explorado, os turistas são poucos e vem com o intuito de descobrir um local calmo e natural, onde o turismo praticamente não existe, devido a falta de infraestruturas de apoio à atividade turística e o acesso ao local ser dificultado por fatores como o preço das passagens aéreas. A interação residente-visitante é praticamente nula, nesta fase.

A fase seguinte, designada de envolvimento, é caracterizada pelo envolvimento da comunidade na atividade turística, preocupando-se com a satisfação dos visitantes, que passam a chegar com mais regularidade e em maior número. É nesta fase que as entidades governamentais começam a preocupar-se com o planeamento turístico, criando novas infraestruturas para apoiar a atividade turística e criando apoios para o desenvolvimento do destino.

O desenvolvimento é a terceira fase, onde há a intensificação da promoção do destino e do aumento da oferta com o aparecimento de investidores externos, modernizando e alterando a “paisagem” urbana do destino, com a construção de infraestruturas, que fornecem serviços aos visitantes. O planeamento do turismo, a nível nacional e regional é essencial para que o desenvolvimento do turismo seja sustentável, evitando a perda de autenticidade e da essência do destino que atraiu os turistas inicialmente. Os turistas chegam ao destino em maior número; muitas vezes o número de visitas ao destino, em determinado período, ultrapassa o número de residentes. Nesta fase, os residentes não se envolvem diretamente no desenvolvimento da atividade turística, mas dependem economicamente dela.

A quarta fase é a consolidação, caracterizada por um abrandamento do crescimento da procura pelo destino; o número de visitantes continua a aumentar, mas mais devagar. É nesta fase que se apercebem do quanto o destino depende economicamente da atividade turística, sendo esta um setor vital no destino, pois gera emprego e rendimento para os residentes. Tomam-se medidas para reverter a desaceleração da procura pelo destino, tentando tornar o destino mais atrativo, como por exemplo reduzindo os preços e remodelando infraestruturas.

A penúltima e quinta fase é a estagnação. Aqui o destino atinge o limite da sua capacidade para receber turistas. A procura do destino decresce, já não sendo considerado

um destino de moda. Diminuem os investimentos turísticos, os problemas económicos, ambientais e sociais são visíveis e há uma consciencialização dos impactos negativos da atividade turística. O destino perde identidade e atrai turistas com baixos rendimentos.

A última fase é a pós-estagnação. Nesta fase o destino tem três hipóteses:

Estabilização – nesta fase tenta-se manter a qualidade da oferta e o mesmo número de turistas, implementando novas políticas de planeamento e ordenamento do território.

Declínio – ocorre quando os turistas têm preferência por outros destinos, ficando o destino dependente dos turistas de curta duração e mais próximos. A falta de atratividade do destino leva a uma diminuição acentuada da procura turística, e conseqüentemente das receitas. As infraestruturas construídas para satisfazer as necessidades dos turistas passam a ter outra utilidade, e por vezes chegam mesmo a encerrar. Se as entidades governamentais decidirem reinventar o destino passamos à fase seguinte.

Rejuvenescimento – é a fase onde são definidas novas estratégias para reposicionar o destino de novo no mercado internacional e nacional. São elaboradas estratégias inovadoras e criados novos produtos/serviços ou são readaptados os que anteriormente atraíram os turistas ao destino. O setor público une-se ao privado para voltar a ter uma indústria do turismo forte e produtiva. A promoção nesta fase é bastante intensa, com o objetivo de penetrar os mercados internacionais e cativar de novo os turistas.

4.3.3 Teoria das trocas sociais

Nesta teoria considera-se que o indivíduo está bem informado e é inteligente para ponderar e estimar as diversas alternativas antes de decidir e atuar, pressupondo que as

relações humanas têm por base uma escolha racional e uma análise do custo-benefício. Na maioria das vezes as decisões são tomadas com base em sentimentos e hábitos, em vez de razões e factos objetivos (Wang e Pfister, 2008).

Na teoria das trocas sociais ou *Social Exchange Theory* (SET), os residentes procuram o desenvolvimento turístico de forma a melhorar a sua qualidade de vida, satisfazendo as suas necessidades económicas, sociais e psicológicas.

Esta teoria assume que as relações sociais envolvem uma troca de recursos entre indivíduos, que podem ter origem material, social ou psicológica. Essa troca de recursos pode influenciar as atitudes dos residentes, consoante o grau dos benefícios percebidos. Se os benefícios forem superiores aos custos a atitude é favorável, mas se os custos forem superiores aos benefícios a atitude pode ser desfavorável. Assim, os impactos do turismo são vistos pela comunidade de acolhimento de modo positivo se a troca de recursos for elevada e equilibrada, ou seja, se os benefícios forem superiores aos custos; por outro lado, sendo a troca de recursos reduzida, os impactos do turismo são vistos pela comunidade de acolhimento como negativos, ou seja, os custos são superiores aos benefícios (Ap, 1992; Ap e Crompton, 1998; Snepenger et al., 2001; Rodrigues, 2012).

Para Rodrigues (2012) este modelo é importante aquando da análise das atitudes dos residentes face ao desenvolvimento do turismo.

4.4 Conclusão

Como referido durante este capítulo, os residentes são considerados *stakeholders* da atividade turística.

É importante para um desenvolvimento sustentável e equilibrado que a qualidade de vida e o bem-estar dos residentes sejam considerados aquando do planeamento estratégico do turismo, pois os residentes são considerados os principais promotores do destino.

Se os residentes forem envolvidos no planeamento e desenvolvimento do turismo, estes tendem a ter perceções e atitudes favoráveis perante o turismo e passam a interagir e aceitar os turistas, contribuindo assim para que o turista se sinta confortável no destino e desenvolva um certo tipo de empatia com o destino, aumentando a qualidade da experiência turística e a fidelização ao destino.

Capítulo V - Metodologia da investigação

5.1. Introdução

A metodologia de investigação assenta na recolha de dados através de um inquérito por questionário aos residentes da ilha de São Miguel. Pretende-se determinar se as características sociodemográficas dos residentes e o grau de envolvimento no sector influenciam as suas opiniões e perceções e se é possível identificar grupos homogéneos de residentes com base nas suas perceções dos impactos do turismo. Também se pretende determinar qual o impacto das companhias aéreas *low-cost* e das escalas de navios de cruzeiros nos Açores com base nas perceções e opiniões dos residentes em relação aos efeitos provocados na comunidade local.

A identificação de clusters de residentes e o conhecimento do seu perfil será útil para o planeamento e gestão do destino, contribuindo para uma melhor compreensão da estrutura das reações da comunidade local em relação à atividade turística.

O tratamento estatístico dos dados será efetuado com recurso ao SPSS, no capítulo seguinte.

5.2. Breve caracterização da ilha de São Miguel

O estudo incide sobre a ilha de São Miguel, uma das nove ilhas do arquipélago dos Açores, que se localiza no oceano Atlântico. Tem 744,6 km² de superfície, correspondendo a 32% do território regional, sendo a maior do arquipélago. Também é a ilha com o maior número de população, pois nos censos de 2011 (INE, 2012) foram registados 137.699 indivíduos, o que corresponde a 56% da população do arquipélago.

A ilha de São Miguel contém 64 freguesias e é organizada administrativamente por seis concelhos: Ponta Delgada, Ribeira Grande, Lagoa, Vila Franca, Povoação e Nordeste, sendo que quatro deles são cidades. É na cidade de Ponta Delgada que se concentra o polo administrativo da região, sendo a cidade mais desenvolvida do arquipélago, é considerada a principal porta de entrada de pessoas, bens e mercadorias, através do seu porto comercial e do aeroporto João Paulo II.

A atividade económica principal da ilha é a agropecuária, tendo nos últimos anos o Governo Regional dos Açores apostado fortemente no desenvolvimento da atividade turística. Esta atividade começou por ser contemplativa, devido às suas paisagens únicas e de elevado valor patrimonial. A ilha de São Miguel, como as restantes ilhas do arquipélago, tem um vasto património natural, destacando-se a lagoa das Sete Cidades, que em 2010 foi considerada uma das sete maravilhas naturais de Portugal. O Governo Regional dos Açores, através do PEM para 2015-2020, define como produto turístico principal o turismo de natureza, sendo este complementado com o turismo náutico, o *touring* cultural e paisagístico, a gastronomia e a saúde e bem-estar; assim, o Governo Regional dos Açores aposta num turismo menos contemplativo e mais ativo.

A missão que o Governo Regional dos Açores tem para com o turismo da Região, segundo o PEM é:

“Atingir a verdadeira sustentabilidade através do Turismo, proporcionando aos nossos visitantes uma experiência de convidados especiais em ambiente natural, recebendo-os com carinho e cortesia genuínas, para que a experiência dos Açores lhes deixe saudade e os faça voltar. Assim assumimos o compromisso de trabalhar o nosso destino de modo próximo com as nossas comunidades para que, de forma integrada e inclusiva, consigamos atingir o equilíbrio social, económico, cultural e ambiental” (PEM, 2016:14)

E, segundo o mesmo documento, tem como objetivos estratégicos (PEM, 2016:15):

1. Melhorar e enriquecer a qualidade da experiência turística do visitante;
2. Contribuir para a preservação e conservação dos espaços naturais e culturais;
3. Contribuir para o desenvolvimento económico da região;
4. Melhorar o desempenho das atividades do turismo.

O Governo Regional dos Açores, ao elaborar o PEM, define uma estratégia de marketing para o turismo, analisando ao pormenor as potencialidades da região e os meios para promover a região nos diversos mercados emissores. Especifica, igualmente, a oferta turística por ilha.

5.3. Objetivos e questões da investigação

Esta investigação tem como principal objetivo estudar as perceções e opiniões dos residentes, na ilha de São Miguel, em relação ao aumento exponencial da procura turística, derivado da liberalização do espaço aéreo na Região com a entrada de companhias *low-cost*, a partir de abril de 2015, e do acréscimo do número de escalas de navios de cruzeiro, tendo em conta os impactos positivos e negativos que tem sobre a Região e a qualidade de vida dos residentes e quais os fatores que o influenciam.

O modelo de investigação desenvolvido para analisar os fatores que influenciam a perceção e opinião dos residentes, apresentado na Figura 5.1, teve por base uma revisão da literatura sobre esta temática.

A revisão da literatura propõe que a perceção e opinião dos residentes é influenciada por diversos fatores. Esses fatores são retidos pelos residentes influenciando positiva ou negativamente o seu comportamento perante o objeto da atitude. O tipo de reação do residente está diretamente ligado com a sua personalidade, experiências e vivências, mas

também com o meio envolvente, como crenças e valores impostos pelos familiares e amigos.

Os fatores podem ser divididos em dois tipos: os fatores extrínsecos e intrínsecos. Como referido anteriormente, os fatores extrínsecos são externos ao indivíduo e os intrínsecos são as características individuais de cada indivíduo. Para o modelo de análise desta investigação foram considerados relevantes só os fatores intrínsecos, dando origem ao modelo de estudo que se apresenta na Figura seguinte:

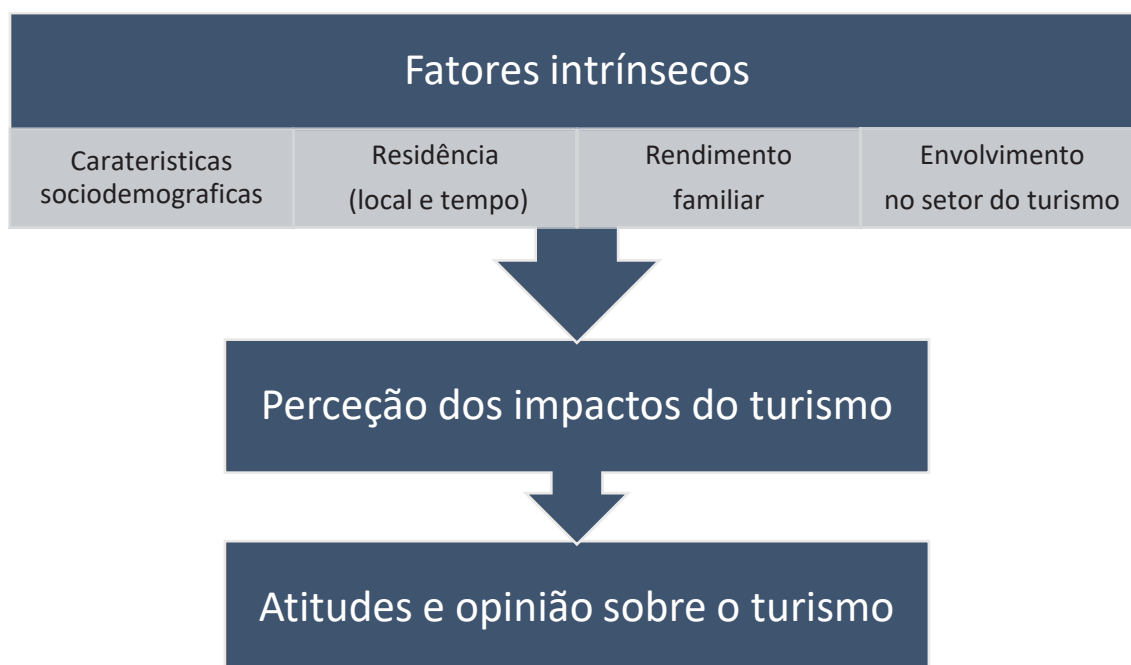


Figura 5.1 – Modelo de análise
Fonte – Elaborado com base na revisão da literatura

Foram estabelecidas as seguintes hipóteses de estudo:

H1 - As perceções dos grupos de residentes sobre os impactos do turismo diferem consoante as suas caraterísticas sociodemográficas.

H2 - As perceções dos grupos de residentes diferem consoante o nível do rendimento familiar.

H3 - O grau de envolvimento profissional no setor do turismo influencia a opinião dos residentes sobre o desenvolvimento do turismo.

H4: O grau de envolvimento profissional no setor do turismo influencia a avaliação dos fluxos turísticos com a introdução dos voos *low-cost* e o aumento do número de navios de cruzeiro.

5.4. Desenho, estrutura e método de implementação do questionário

A construção do questionário teve por base o questionário aos residentes do estudo sobre a sustentabilidade do turismo em ilhas de pequena dimensão no caso dos Açores (Moniz, 2009), o questionário implementado na Região, em 2005, pelo Governo Regional dos Açores, para estudar as atitudes dos residentes face ao desenvolvimento do turismo (SREA, 2005) e o questionário que analisa a relação empírica entre o desenvolvimento do turismo e a felicidade a partir da perspetiva dos residentes (Riviera et al., 2015).

Tanto o estudo do SREA (2005) como o de Moniz (2009), foram implementados nos Açores. Contudo, foi necessário introduzir alguns ajustamentos para atender aos objetivos da presente investigação, verificando quais as questões que fazia sentido voltar a implementar e quais a que deveriam ser adaptadas ao contexto económico atual. De igual modo, foram efetuados alguns ajustamentos nas variáveis de caracterização sociodemográfica dos inquiridos, que foram colocadas no final do questionário, por se considerar mais adequado.

O questionário englobou duas partes distintas: uma referente à caracterização do indivíduo, e outra referente à opinião sobre o turismo na ilha de São Miguel (ver Anexo 1). Como foi elaborado com o intuito de avaliar as opiniões dos residentes da ilha de São Miguel perante o aumento do fluxo turístico na ilha, começa-se por averiguar se o indivíduo reside na ilha de São Miguel, em que concelho e há quantos anos, seguindo-se

duas questões que avaliam a opinião do indivíduo sobre o desenvolvimento atual do turismo na ilha de São Miguel. Estas questões foram baseadas no estudo feito pelo SREA (2005).

Para avaliar as perceções dos residentes em relação aos impactos do turismo na comunidade, foi elaborado um conjunto de 21 afirmações sobre os impactos económicos, ambientais e socioculturais do turismo, baseadas no questionário de Moniz (2009) e no estudo de Riviera et al. (2015), por se complementarem: o primeiro, por já ter sido implementado na Região, e o segundo, por ser um estudo mais atual.

A última parte do questionário é referente à caracterização sociodemográfica do indivíduo, onde constam variáveis como o sexo, idade, estado civil, número de pessoas do agregado familiar, nível de escolaridade, situação profissional, rendimento do agregado familiar e envolvimento pessoal ou de outro membro do agregado familiar no setor do turismo.

O questionário foi redigido utilizando um vocabulário simples para que pudesse ser entendido pelos indivíduos com baixo nível de escolaridade.

Para verificar a eficácia do instrumento e a facilidade de interpretação do questionário, foi realizado um estudo piloto junto de 10 residentes em Ponta Delgada, no mês de junho. Os resultados foram satisfatórios, comprovando que o questionário era perceptível e rápido de responder. Os dados recolhidos nesta fase não foram incluídos na análise.

5.5 Recolha de dados

Considerou-se, como universo do estudo, a população residente na ilha de São Miguel, que, de acordo com os censos de 2011 (INE, 2012) é de 137.699 indivíduos.

Decidiu-se selecionar uma amostra por conveniência de 130 casos, correspondente a cerca de um por mil do universo inquirido.

O questionário foi construído com a ajuda da ferramenta Google Forms, que é uma aplicação *online*, que permite aos utilizadores criar questionários e os partilhar através de um *link* gerado por esta ferramenta. A implementação do questionário foi realizada nos meses de julho e agosto de 2016, através da partilha do *link* em vários grupos da rede social *Facebook* e por via de e-mail, tendo sido necessário complementar a recolha de dados com algumas entrevistas diretas.

Foi garantida a confidencialidade e o anonimato dos indivíduos.

Os resultados da aplicação do questionário serão apresentados no capítulo seguinte, onde se referem as técnicas estatísticas utilizadas para o tratamento de dados utilizando o SPSS.

5.6 Conclusão

Neste capítulo foi descrita a metodologia da investigação, apresentando o objeto de estudo, os objetivos e as questões da investigação, a estrutura e o método de implementação do questionário aos residentes da ilha de São Miguel.

Capítulo VI - Análise e discussão dos resultados

6.1 Introdução

Para dar continuidade à investigação empírica, foi necessário implementar um questionário aos residentes da ilha de São Miguel, para se conseguir avaliar qual a percepção que estes têm sobre os impactos do turismo na comunidade. Neste capítulo serão apresentados e descritos os resultados obtidos com a implementação dos questionários, começando por uma análise preliminar das respostas e pela caracterização sociodemográfica dos residentes inquiridos, e prosseguindo com uma reflexão crítica sobre os dados recolhidos e os resultados estatísticos alcançados.

6.2 Análise dos resultados

6.2.1 Análise preliminar das respostas e caracterização sociodemográfica dos inquiridos

Atendendo à forma de implementação do questionário, uma das condições imposta foi a resposta obrigatória a todas as perguntas, pelo que não foram encontradas “não respostas” e, numa primeira análise, também não foram encontrados *outliers*.

Foram obtidas 130 respostas ao questionário, sendo que 11 (8,5%) indivíduos responderam que não residiam na ilha de São Miguel, logo não puderam ser incluídos no estudo. Deste modo, foram obtidos 119 (91,5%) questionários válidos de indivíduos residentes na ilha de São Miguel, sendo 79 (66,4 %) respostas de indivíduos do sexo feminino e 40 (33,6%) do sexo masculino.

Quanto ao tempo de residência na ilha, a maioria, 110 indivíduos (92%), residem há mais de 5 anos, sendo que os restantes 9 indivíduos (8%), residem na ilha entre 1 ano e 5 anos e há menos de 1 ano (ver Gráfico 6.1).

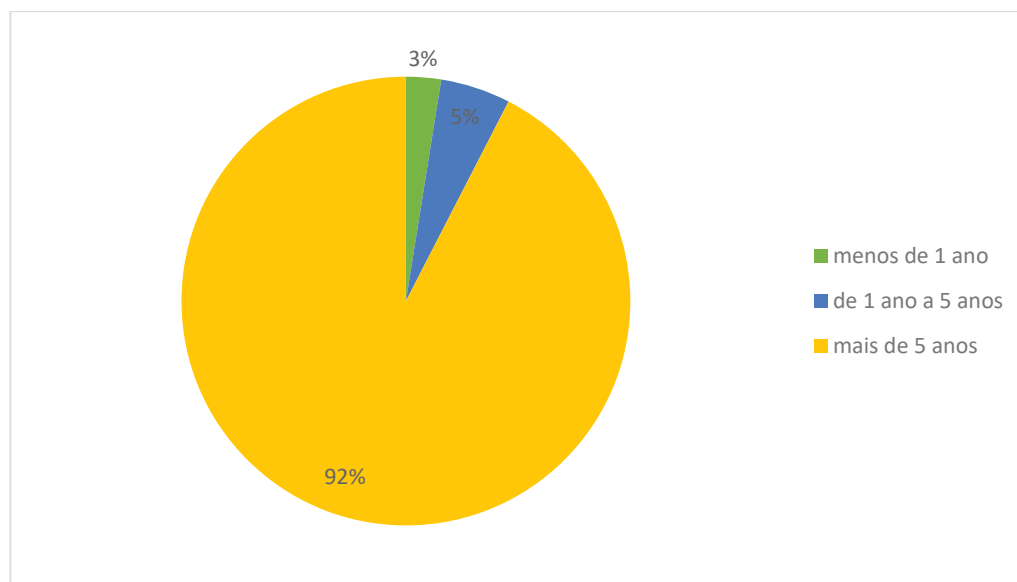


Gráfico 6. 1 - Percentagem de residentes inquiridos por tempo de residência na ilha

Em relação ao concelho de residência dos inquiridos, a maioria, 85 indivíduos (71%), reside em Ponta Delgada e os restantes 34 indivíduos (29%) residem nos restantes concelhos da ilha, como se pode verificar no Gráfico 6.2.

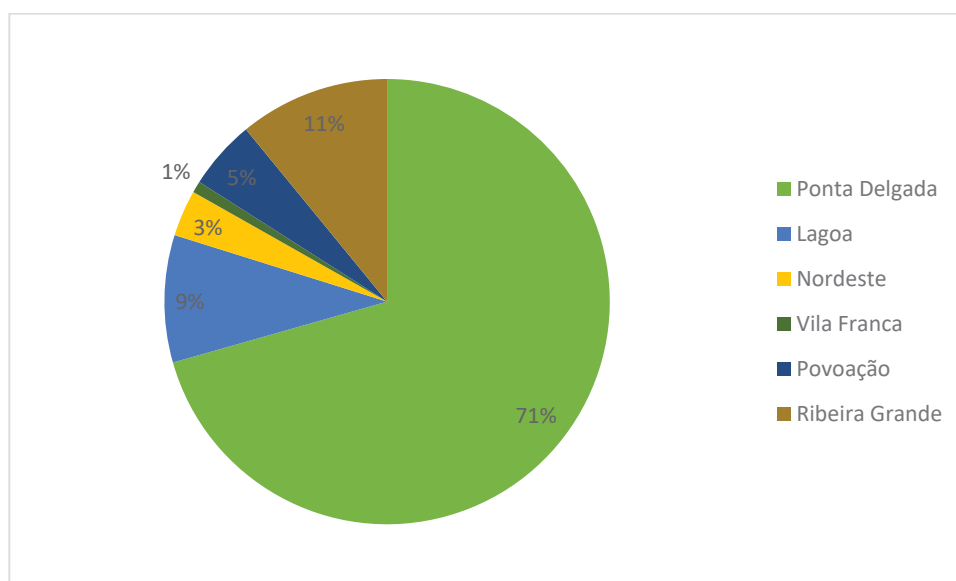


Gráfico 6. 2 - Percentagem de residentes inquiridos por concelho de residência

A idade média dos inquiridos é de 38 anos, sendo 19 anos a idade mínima e 78 anos a idade máxima. Foram criadas três faixas etárias, para efeito de análise dos dados, como se pode verificar no Gráfico 6.3, onde se pode apurar que a maioria dos inquiridos, 53%, estão na primeira faixa etária dos 19 aos 34 anos, correspondendo a 63 indivíduos; dos restantes indivíduos, 33 (28%) encontram-se entre os 35 e 54 anos e 23 (19%) indivíduos têm mais de 55 anos.

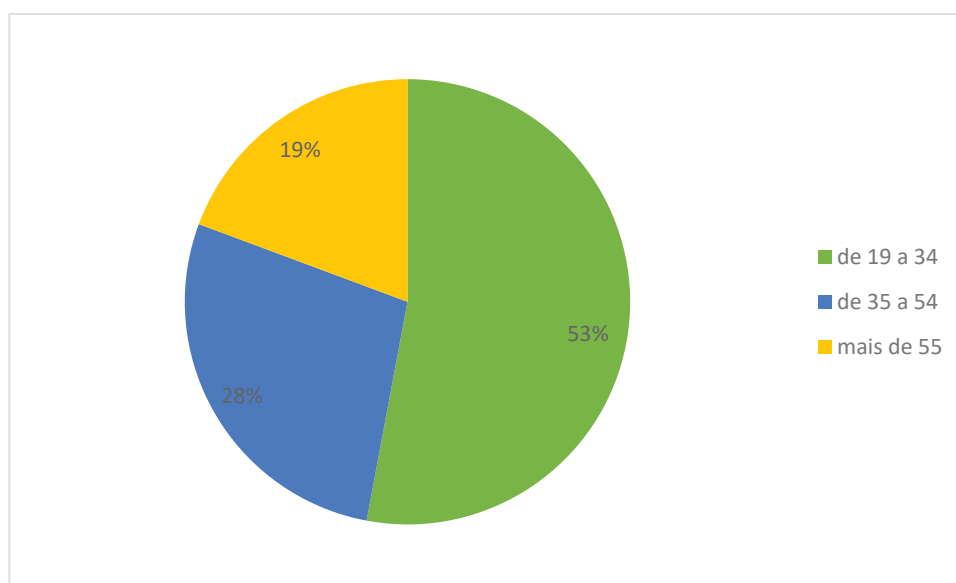


Gráfico 6. 3 - Percentagem de residentes inquiridos por faixas etárias

Em relação ao estado civil, 88,2% (105 indivíduos) representa a percentagem de indivíduos solteiros (44%) e casados ou em união de facto (45%), como se pode confirmar no Gráfico 6.4, e os restantes 14 indivíduos encontram-se em outra situação, ou seja, divorciados (9%) ou viúvos (2%).

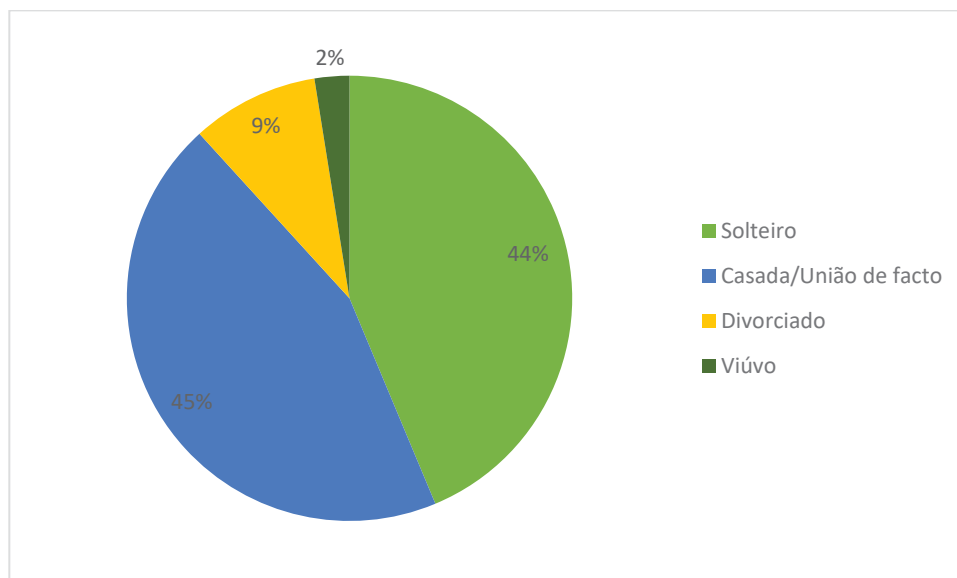


Gráfico 6. 4 - Percentagem de residentes inquiridos por estado civil

Quanto ao número de elementos do agregado familiar, varia entre 1 e 6 pessoas, como se pode verificar pelo Gráfico 6.5, a maioria dos agregados familiares são compostos por 2 ou 3 pessoas e representam 59% dos inquiridos; segue-se, com 22%, o grupo dos indivíduos que vivem sozinhos, e os restantes 19% representam os inquiridos que têm mais de 4 pessoas no agregado familiar.

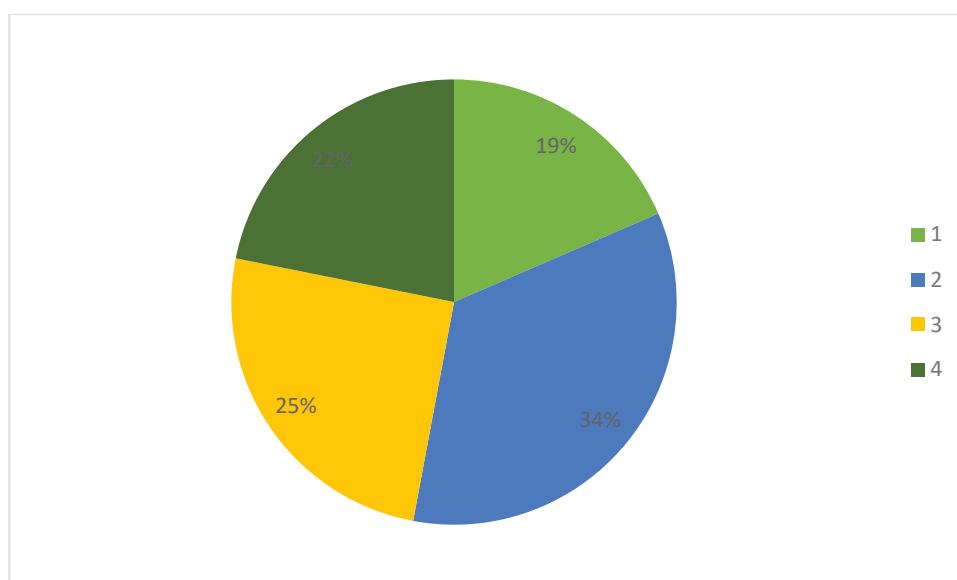


Gráfico 6. 5 - Percentagem de residentes inquiridos por dimensão do agregado familiar

Quanto às habilitações, a maioria dos indivíduos são licenciados, 47 indivíduos (39,5%), ou têm o 12º ano de escolaridade, 36 indivíduos (30,3%), seguindo-se 27 indivíduos com mestrado ou doutoramento (22,7%). Os restantes 9 indivíduos têm um nível de escolaridade inferior, como se apresenta abaixo, no Gráfico 6.6.

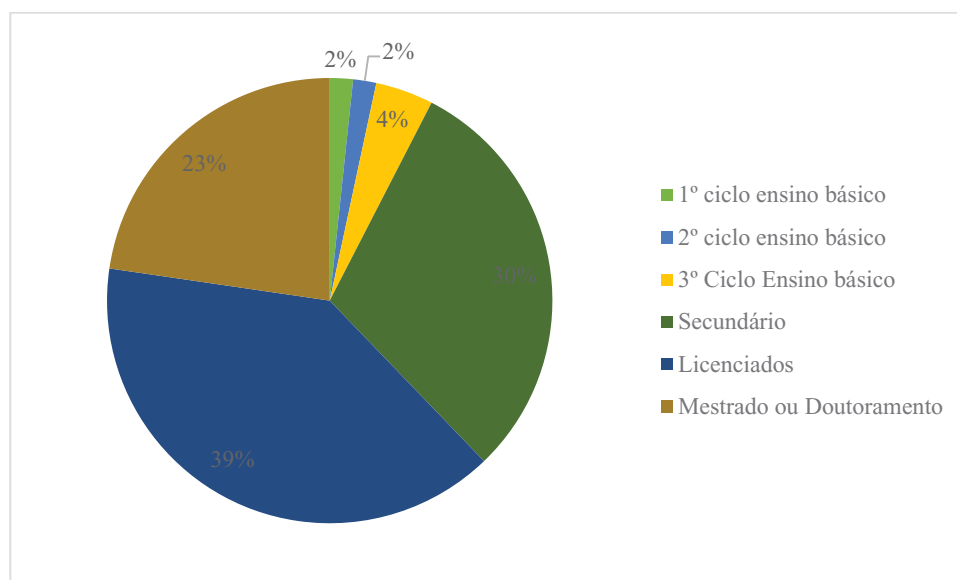


Gráfico 6. 6 - Percentagem de residentes inquiridos por nível de escolaridade

Em relação à situação profissional, a maioria, 62 (52%), dos indivíduos trabalha por conta de outrem, seguindo-se 20 (17%) indivíduos que são reformados; os restantes 37 indivíduos encontram-se noutra situação, como se pode observar no Gráfico 6.7; trabalham por conta própria 12 (10%) indivíduos, e também são 12 (10%) os indivíduos que estudam, os restantes são desempregados, trabalham por conta própria em empresa/negócio familiar ou estão em outra situação.

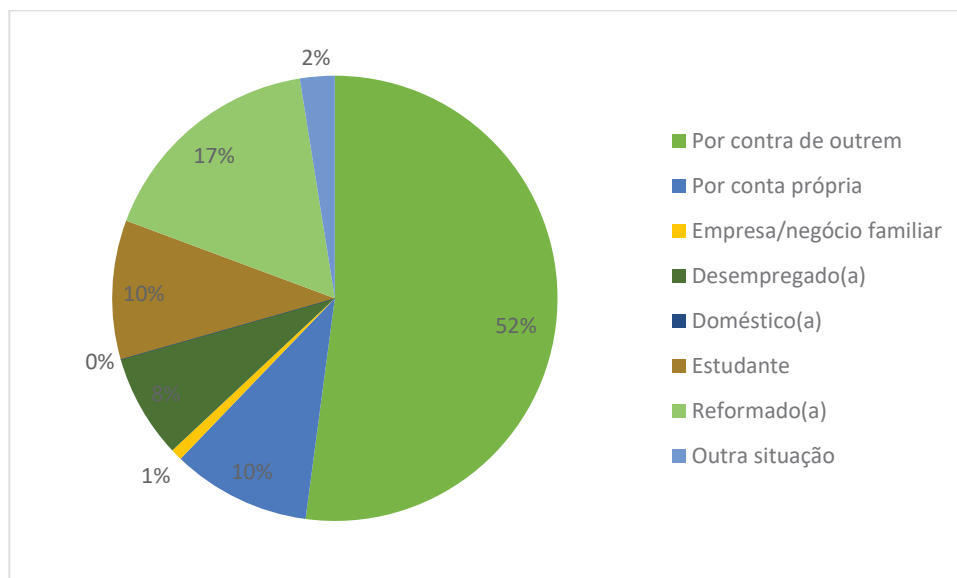


Gráfico 6. 7 - Percentagem de residentes inquiridos por situação profissional

A maioria dos indivíduos refere que o rendimento do agregado familiar dá para viver confortavelmente ou dá para viver: 46 (39%) indivíduos responderam que dá para viver confortavelmente e 49 (41%) indivíduos responderam que o rendimento do agregado familiar dá para viver (ver Gráfico 6.8). Os restantes 24 (20%) indivíduos responderam que vivem com dificuldades.

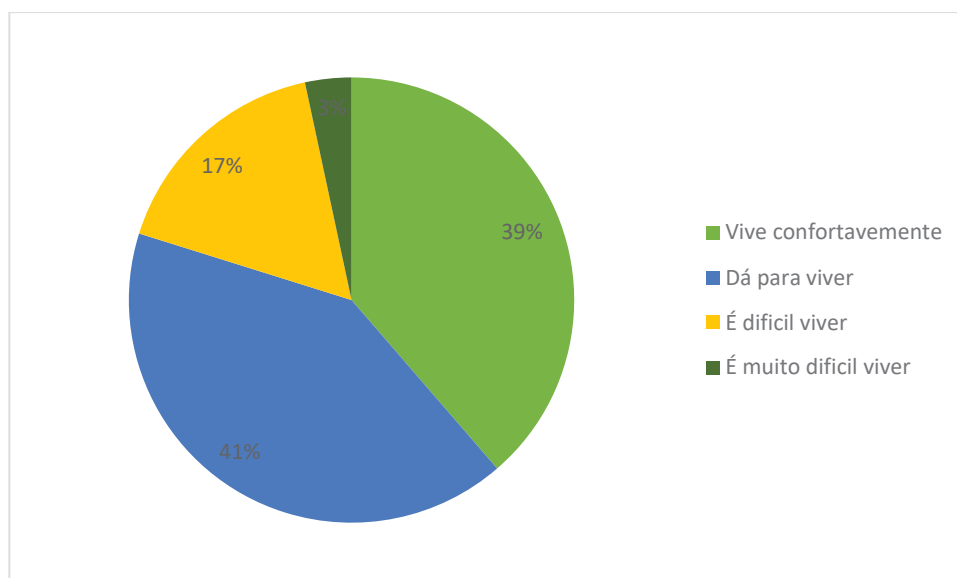


Gráfico 6. 8 - Percentagem de residentes inquiridos por situação financeira do agregado familiar

Relativamente ao envolvimento pessoal no setor do turismo, a maioria, 65 (55%) refere que não têm envolvimento com o setor do turismo, 42 (35%) indivíduos referem que lidam com os turistas no seu local de trabalho, sendo que 24 (20%) indivíduos têm um emprego no setor do turismo e 18 (15%) indivíduos têm um emprego em outro setor, mas contactam diretamente com os turistas; por último, os restantes 12 (10%) indivíduos têm um negócio no setor do turismo.

Quanto ao envolvimento de outro membro do agregado familiar no setor do turismo, 77 (65%) referem que os familiares não têm envolvimento no setor do turismo, 31 (26%) indivíduos referem que têm outro elemento do agregado a lidar diretamente com turistas, 22 (18%) têm um emprego no setor do turismo e 9 (8%) trabalham em outra atividade, mas têm contacto direto com os turistas. Os restantes 11 (9%) indivíduos mencionam que outro elemento do agregado familiar tem um negócio no setor do turismo (Gráfico 6.9).

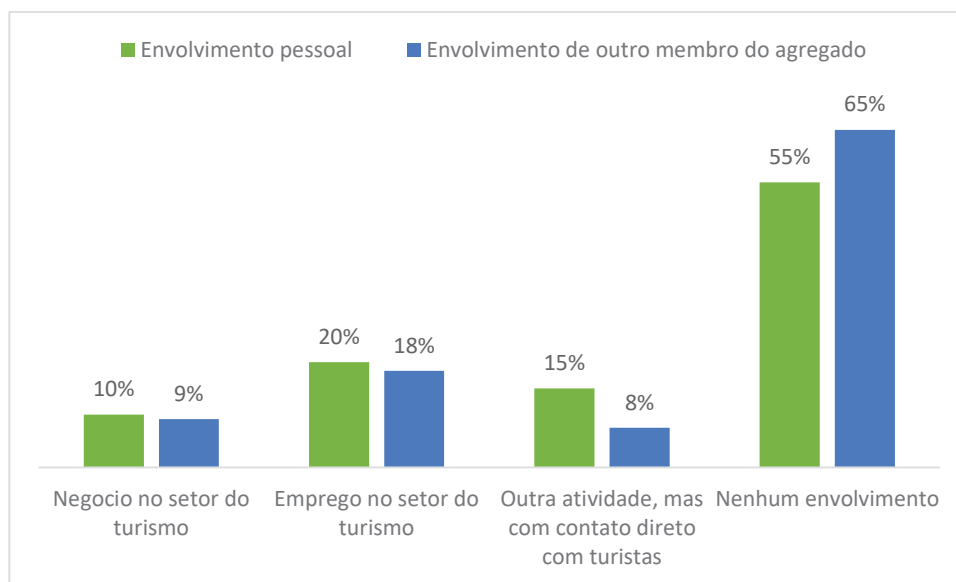


Gráfico 6.9 - Percentagem de residentes inquiridos por envolvimento no setor do turismo

6.2.2 Opinião dos residentes sobre o turismo e percepções em relação aos impactos do turismo na comunidade

Perguntou-se a opinião dos residentes sobre o desenvolvimento do turismo na ilha e como avaliam o fluxo turístico na ilha após a liberalização do espaço aéreo e o aumento das escalas de navios de cruzeiros, utilizando uma escala de Likert de cinco pontos, variando entre “Muito insatisfatório” e “Muito bom”. Os resultados a essas duas questões são apresentados nas tabelas seguintes (Tabela 6.1 e Tabela 6.2).

Muito insatisfatório	Insatisfatório	Satisfatório	Bom	Muito bom
5 (4%)	2 (2%)	26 (22%)	71 (60%)	15 (13%)

Tabela 6. 1 - Opinião sobre o desenvolvimento do Turismo na ilha de São Miguel

Muito insatisfatório	Insatisfatório	Satisfatório	Bom	Muito bom
3 (3%)	0	15 (13%)	59 (50%)	42 (35%)

Tabela 6. 2 - Como avalia o fluxo turístico, com a liberalização do espaço aéreo e o aumento de escalas de navios de cruzeiros

Para investigar as percepções dos residentes em relação aos impactos do turismo na comunidade, pediu-se aos inquiridos para se pronunciarem perante um conjunto de 21 afirmações sobre os impactos económicos, socioculturais e ambientais do turismo, recorrendo a uma escala de Likert de cinco pontos, variando entre “Discordo totalmente” e “Concordo totalmente”, dando a opção de “Não tenho opinião” (ver Tabela 6.3).

Tabela 6. 3 – Opinião revelada em relação a um conjunto de afirmações sobre o turismo

	Discordo totalmente	Discordo mais do que concordo	Não discordo nem concordo	Concordo mais do que discordo	Concordo totalmente	Não tenho opinião
Cria postos de trabalho para os residentes	2 (2%)	10 (8%)	10 (8%)	48 (40%)	45 (38%)	4 (3%)
Beneficia as empresas/negócios locais	1 (1%)	4 (3%)	5 (4%)	46 (39%)	58 (49%)	5 (4%)
Traz investimentos para a economia local	1 (1%)	1 (1%)	13 (11%)	44 (37%)	54 (45%)	6 (5%)
Contribui para o aumento da poluição do meio ambiente	12 (10%)	9 (8%)	25 (21%)	22 (18%)	45 (38 %)	6 (5%)
Provoca o aumento dos preços dos bens e das propriedades	3 (3%)	6 (5%)	22 (18%)	27 (23%)	52 (44%)	9 (8%)
Contribui para melhorar a qualidade de vida dos residentes	6 (5%)	22 (18%)	35 (29%)	38 (32%)	17 (14%)	1 (1%)
Provoca problemas de trânsito e estacionamento	9 (8%)	14 (12%)	24 (20%)	38 (32%)	28 (24%)	6 (5%)
Aumenta a insegurança e a criminalidade	32 (27%)	28 (24%)	25 (21%)	21 (18%)	8 (7%)	5 (4%)
Provoca alterações na paisagem e na biodiversidade (fauna e flora)	21 (18%)	16 (13%)	17 (14%)	27 (23%)	32 (27%)	6 (5%)
Provoca a deterioração de locais de interesse histórico, arquitetónico e cultural	28 (24%)	20 (17%)	18 (15%)	28 (24%)	21 (18%)	4 (3%)
Prejudica os padrões morais da sociedade local	48 (40%)	33 (28%)	25 (21%)	5 (4%)	5 (4%)	3 (3%)
Dificulta o acesso a zonas balneares e outros locais de lazer	31 (26%)	23 (19%)	16 (13%)	26 (22%)	19 (16%)	4 (3%)
Ajuda a conservar a identidade cultural e o património	11 (9%)	15 (13%)	33 (28%)	32 (27%)	24 (20%)	4 (3%)
Pode levar à escassez de recursos naturais necessários à população local	31 (26%)	26 (22%)	23 (19%)	24 (20%)	13 (11%)	2 (2%)
Contribui para o aumento do rendimento das famílias	12 (10%)	12 (10%)	32 (27%)	39 (33%)	22 (18%)	2 (2%)
Contribui para o melhoramento das infraestruturas e dos serviços públicos	13 (11%)	14 (12%)	16 (13%)	41 (34%)	29 (24%)	6 (5%)
Incentiva a produção e disponibilidade de produtos locais	4 (3%)	1 (1%)	10 (8%)	39 (33%)	57 (48%)	8 (7%)
Contribui para melhorar o planeamento e ordenamento do território	7 (6%)	11 (9%)	21 (18%)	39 (33%)	30 (25%)	11 (9%)
Agrava as desigualdades sociais	21 (18%)	25 (21%)	40 (34%)	18 (15%)	10 (8%)	5 (4%)
Aumenta o orgulho dos residentes na cultura local	4 (3%)	4 (3%)	16 (13%)	34 (29%)	53 (45%)	8 (7%)
Contribui para a liberalização do espaço aéreo	6 (5%)	4 (3%)	11 (9%)	33 (28%)	51 (43%)	14 (12%)

6.3 Percepções dos residentes em relação aos impactes do turismo

Durante o preenchimento do questionário os inquiridos tiveram de responder a 21 afirmações, que serviram para avaliar as respetivas percepções em relação aos impactos do turismo na ilha de São Miguel.

A opinião foi medida através de uma escala de Likert de cinco pontos, variando entre 1 “Discordo totalmente” e 5 “Concordo totalmente”, sendo o ponto médio 3 “Não discordo nem concordo”.

Observe-se a Tabela 6.4, onde se encontram as medidas de estatística descritiva para a opinião manifestada perante as 21 afirmações, por ordem decrescente da média.

Tabela 6. 4 – Medidas de estatística descritiva para a opinião manifestada

Afirmações	N	Média	Desvio Padrão
2.Beneficia as empresas/negócios locais	119	4,44	,850
17.Incentiva a produção e disponibilidade de produtos locais	119	4,41	1,004
3.Traz investimentos para a economia local	119	4,40	,847
21.Contribui para a liberalização do espaço aéreo	119	4,35	1,211
20.Aumenta o orgulho dos residentes na cultura local	119	4,28	1,104
1.Cria postos de trabalho para os residentes	119	4,14	1,036
11.Não prejudica os padrões morais da sociedade local	119	4,03	1,127
18.Contribui para melhorar o planeamento e ordenamento do território	119	3,90	1,305
16.Contribui para o melhoramento das infraestruturas e dos serviços públicos	119	3,65	1,388
8.Não aumenta a insegurança e a criminalidade	119	3,59	1,343
13.Ajuda a conservar a identidade cultural e o património	119	3,46	1,294
15.Contribui para o aumento do rendimento das famílias	119	3,45	1,240
19.Não agrava as desigualdades sociais	119	3,37	1,335
14.Não leva à escassez de recursos naturais necessários à população local	119	3,37	1,389
6.Contribui para melhorar a qualidade de vida dos residentes	119	3,34	1,116

12.Não dificulta o acesso a zonas balneares e outros locais de lazer	119	3,28	1,529
10.Não provoca a deterioração de locais de interesse histórico, arquitetónico e cultural	119	3,15	1,533
9.Não provoca alterações na paisagem e na biodiversidade (fauna e flora)	119	2,87	1,613
7.Não provoca problemas de trânsito e estacionamento	119	2,63	1,419
4.Não contribui para o aumento da poluição do meio ambiente	119	2,49	1,545
5.Não provoca o aumento dos preços dos bens e das propriedades	119	2,23	1,493
Média global		3,56	

Ao analisar a tabela 6.4, utilizando como referência a média global da amostra, que é 3,56, verifica-se que os residentes manifestaram uma opinião superior à média nas primeiras 10 afirmações e nas restantes 11 afirmações manifestaram opinião inferior à média.

Continuando a análise da tabela 6.4, e considerando que quando a média global da amostra esta compreendida entre 2,5 e 3,5, há indecisão. Isto verifica-se em 9 afirmações, que se encontram a sombreado na referida tabela. Note-se que os desvios padrão dessas afirmações são os mais elevados, constatando-se, assim, a indecisão dos indivíduos em relação a essas afirmações.

De entre as afirmações com média mais elevada, considera-se que os impactos com maior concordância por parte dos residentes foram: beneficia as empresas/negócios locais e o turismo traz investimento para a economia local, ambos com médias superiores a 4 e com o desvio padrão mais reduzido. De salientar, ainda, de entre as afirmações com média superior a 4, os residentes concordam que o turismo incentiva a produção e disponibilidade de produtos locais, cria postos de trabalho para os residentes, aumenta o seu orgulho da cultura local e contribui para a liberalização do espaço aéreo. Tendo em conta o desvio padrão destas afirmações, como é superior a 1, os indivíduos inquiridos encontram-se um pouco indecisos.

Pelo contrário, os residentes discordam que o turismo não aumenta a poluição e que não provoca o aumento dos preços dos bens e das propriedades, tendo estas afirmações a média mais baixa. Isto significa que reconhecem que o turismo aumenta a poluição e a inflação e especulação imobiliária.

6.4 Classificação dos residentes em grupos homogéneos com base nos impactos do turismo

Com base na perceção dos impactos do turismo na ilha de São Miguel, foi aplicada uma análise de *clusters* hierárquica à amostra, para detetar grupos homogéneos de residentes. Utilizaram-se como variáveis de agrupamento as 21 afirmações sobre os impactos do desenvolvimento do turismo e, por se tratarem de variáveis avaliadas na mesma escala de medida, não se procedeu a qualquer alteração dos dados. Recorreu-se ao método de aglomeração de Ward.

Identificou-se quatro *clusters* pelo facto de na análise de *clusters* hierárquica os coeficientes de fusão passarem de 0,000 para 0,500, ao passar de 4 para 5 *clusters*.

Os quatro *clusters* retidos com 3, 41, 64 e 11 indivíduos, respetivamente, foram obtidos com o algoritmo de K-media (Tabela 6.5).

Tabela 6. 5 – Médias da opinião relativamente a um conjunto de afirmações por cluster

	Cluster 1	Cluster 2	Cluster 3	Cluster 4
AF1.Cria postos de trabalho para os residentes	1,70	4,30	4,30	2,50
AF2.Beneficia as empresas/negócios locais	2,00	4,60	4,40	3,90
AF3.Traz investimentos para a economia local	2,00	4,40	4,50	3,60
AF4.Não contribui para o aumento da poluição do meio ambiente	4,33	3,38	1,55	1,90
AF5.Não provoca o aumento dos preços dos bens e das propriedades	4,33	2,45	1,40	2,00
AF6.Contribui para melhorar a qualidade de vida dos residentes	1,70	4,30	4,30	2,50
AF7. Não provoca problemas de trânsito e estacionamento	4,33	3,10	1,88	2,73

AF8. Não aumenta a insegurança e a criminalidade	3,67	4,46	2,87	3,36
AF9. Não provoca alterações na paisagem e na biodiversidade (fauna e flora)	4,33	4,05	1,66	3,00
AF10. Não provoca a deterioração de locais de interesse histórico, arquitetónico e cultural	4,33	4,24	2,10	3,45
AF11. Não prejudica os padrões morais da sociedade local	5,00	4,66	3,48	4,00
AF12. Não dificulta o acesso a zonas balneares e outros locais de lazer	5,00	4,30	2,24	4,00
AF13. Ajuda a conservar a identidade cultural e o património	2,00	4,60	4,40	3,90
AF14. Não leva à escassez de recursos naturais necessários à população local	5,00	4,24	2,48	4,18
AF15. Contribui para o aumento do rendimento das famílias	2,00	4,40	4,50	3,60
AF16. Contribui para o melhoramento das infraestruturas e dos serviços públicos	1,00	3,80	3,80	1,70
AF17. Incentiva a produção e disponibilidade de produtos locais	1,00	4,60	4,40	3,50
AF18. Contribui para melhorar o planeamento e ordenamento do território	1,00	4,10	3,80	2,60
AF19. Não agrava as desigualdades sociais	5,00	3,95	2,72	3,36
AF20. Aumenta o orgulho dos residentes na cultura local	1,00	4,70	4,20	2,70
AF21. Contribui para a liberalização do espaço aéreo	1,00	4,60	4,20	2,50

De seguida, as afirmações são agrupadas por tipo de impactos da atividade turística, económicos, socioculturais e ambientais. Para uma melhor interpretação dos dados, faz-se a representação gráfica das médias, podendo assim explorar as diferenças de médias das opiniões dos quatro *clusters*. Este procedimento em nada altera a interpretação conjunta dos dados.

Começando pela análise dos impactos económicos, o gráfico 6.10 permite detetar que os grupos 2 e 3 manifestam opiniões muito semelhantes, à exceção de que o turismo não provoca o aumento dos preços dos bens e das propriedades (AF5), em que o *cluster* 3 discorda fortemente. Já os grupos 1 e 4, variam bastante entre opinião positiva e negativa.

O gráfico 6.10 permite ainda identificar as seguintes diferenças entre grupos:

- Os grupos 1 e 4 têm um comportamento atípico, contudo uma vez que o grupo 1 tem apenas 3 casos e o grupo 4 tem apenas 11 casos, não é possível considera-los representativos de grupos da população;

- Os grupos 1 e 4 têm uma opinião média mais desfavorável do que os outros grupos, pois na maioria das afirmações as respostas encontram-se abaixo da média global;
- O grupo 3 é da opinião que o turismo provoca o aumento dos preços (AF5), sendo a média mais baixa que os restantes grupos, sendo que o grupo 2 e 4 também são da mesma opinião, mas com médias um pouco mais elevadas;
- O grupo 1 em relação a afirmação AF5 discorda completamente dos outros grupos, tendo estes uma média mais elevada.

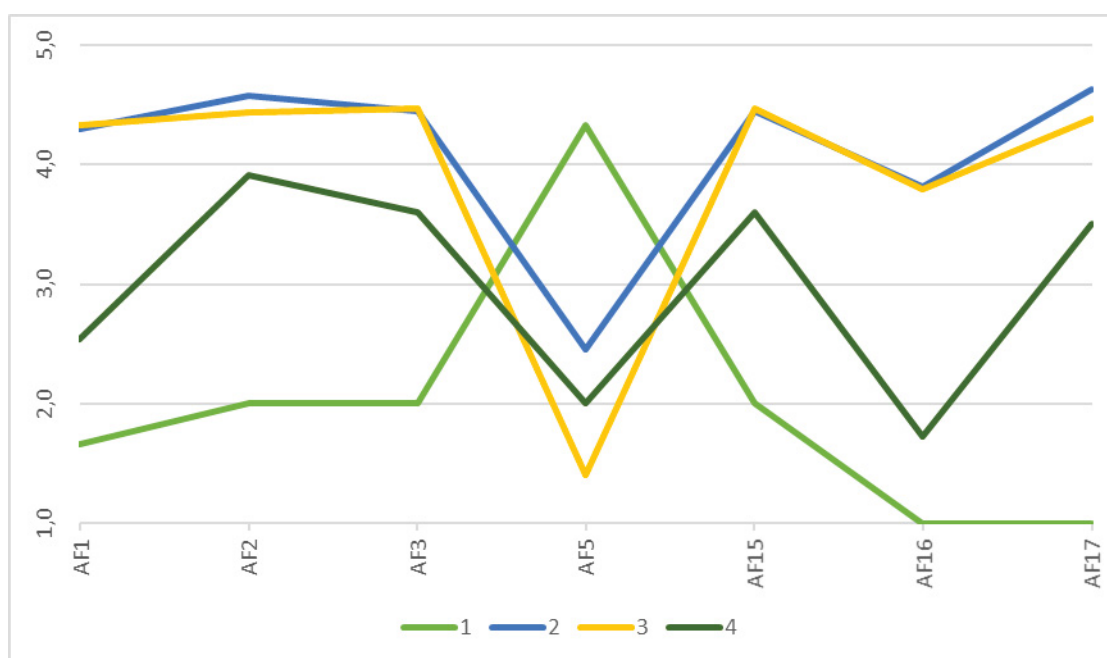


Gráfico 6. 10 – Médias para os impactos económicos nos quatro clusters

Relativamente aos impactos socioculturais, podemos verificar no gráfico 6.11 que o grupo 2, de um modo geral, é o que apresenta perceções mais positivas. Também se verifica que os grupos 2 e 4 são mais coerentes nas suas perceções em relação aos impactos socioculturais do que os outros dois grupos.

Em comparação com os outros tipos de impactos, os residentes são mais positivos em relação aos impactos socioculturais.

Pode-se verificar, ainda, no gráfico 6.11, que existem diferenças entre os grupos:

- O grupo 1 tem opinião contrária aos restantes grupos, principalmente nas afirmações 13 e 19, não concorda que o turismo ajuda a conservar a identidade cultural e o património e concorda que o turismo agrava as desigualdades sociais;
- O grupo 2 e 3 concordam que o turismo contribui para o melhoramento da qualidade de vida dos residentes, tendo a mesma média nessa afirmação.

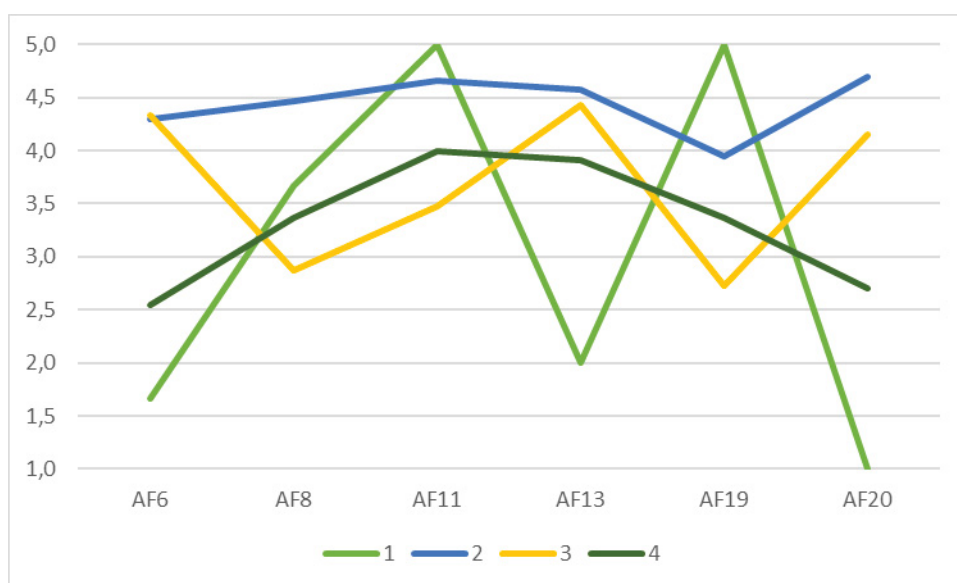


Gráfico 6. 11 – Médias para os impactos socioculturais nos quatro clusters

Em relação aos impactos ambientais, ao observar o gráfico 6.12, verificamos que as médias da opinião estão dispersas; o grupo 3 é o que tem a opinião mais negativa e o grupo 2 é o mais coerente.

De acordo com os resultados do gráfico 6.12, é possível identificar diferenças entre grupos:

- O grupo 1 é o que concorda em praticamente todas as afirmações (4, 7, 9, 10, 12 e 14), para este grupo o turismo não provoca alterações ambientais negativas;

- O grupo 1 é o único com a opinião que o turismo não contribui para melhorar o planeamento e ordenamento do território (AF18);
- O grupo 3 é o que tem uma visão mais negativa dos impactos ambientais;
- O grupo 3 e 4 concordam que o turismo contribui para o aumento da poluição do meio ambiente (AF4), os outros dois grupos têm opinião oposta;
- O grupo 2 e 4 estão indecisos em relação aos problemas de transito e estacionamento (AF7), enquanto o grupo 3 concorda com essa afirmação.

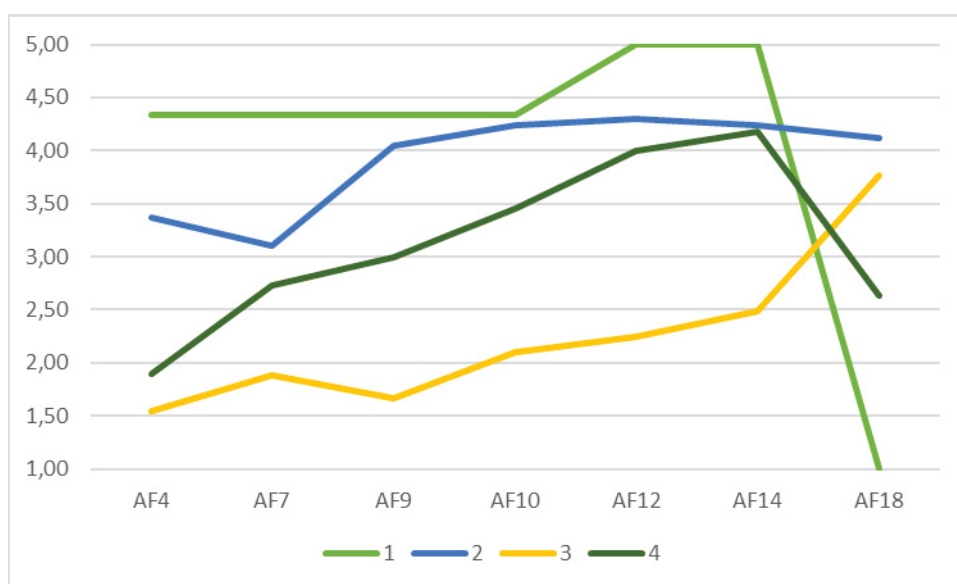


Gráfico 6.12 -Médias para os impactos ambientais nos quatro clusters

Foi efetuado o cruzamento dos quatros *clusters* com as variáveis sociodemográficas para ajudar a completar a caracterização dos *clusters* de residentes (ver anexo 2).

Cluster 1 – “Indiferentes”

Este grupo tem apenas 3 casos. Neste grupo não há respostas de indecisão, só concordância e discordância perante as afirmações. Estes residentes são indiferentes aos

impactos do turismo, porque não reconhecem impactos económicos positivos (1, 2, 3, 15, 16, 17), nem reconhecem impactos ambientais negativos (4, 7, 9, 10, 12, 14).

É neste grupo que se encontra a maioria das médias mais altas e mais baixas em relação à opinião dos residentes sobre os impactos do turismo.

Em relação a caracterização sociodemográfica deste grupo, destaca-se que são todos casados ou vivem em união de facto e residem na ilha à mais de cinco anos.

Cluster 2 – “Otimistas”

Este grupo tem 34,5% dos casos, e corresponde ao segundo maior grupo em estudo, tendo sido considerados “Otimistas”. Neste grupo, o número de respostas positivas é muito superior aos restantes grupos, pois 18 afirmações possuem média superior a 3,5 pelo que não é de estranhar que tenha a média global mais elevada.

Apesar de ser o grupo com mais respostas positivas, não é o grupo que tem as respostas mais favoráveis, às afirmações em consideração uma vez que algumas têm uma formulação negativa.

A única situação menos “otimista” ocorre nos impactos ambientais uma vez que a média das respostas está compreendida entre 2,5 e 3,5, além disso manifestam indecisão perante o aumento da poluição do meio ambiente (AF4) e a provocação de problemas de trânsito e estacionamento (AF7). Os residentes deste *cluster* reconhecem que o turismo provoca o aumento dos preços dos bens e das propriedades. A opinião deste grupo em relação aos impactos socioculturais é otimista, não reconhecendo impactos negativos.

Quanto a opinião sobre o desenvolvimento do turismo na ilha de São Miguel, este grupo tem a maioria das respostas em “Bom” e é o grupo que tem maior número de respostas “Muito bom” (ver gráfico 6.13).

Relativamente a como os residentes avaliam o fluxo turístico, com a liberalização do espaço aéreo e o aumento de escalas de navios de cruzeiro, a opinião dos residentes deste grupo esta maioritariamente no “Muito bom” (ver gráfico 6.14).

Este grupo em relação a classificação sociodemográfica tem mais mulheres (68,4%); o grupo etário dominante é dos 19 aos 34 anos (58,6%); e são na sua maioria solteiros ou divorciados (53,6%); a dimensão do agregado familiar é de 1 a 2 pessoas (46,4%); a maioria considera que o rendimento do agregado familiar dá para viver (53,6%). Em relação ao nível de escolaridade a maioria tem o ensino superior (58,6%); e estão a exercer atividade (58,6%).

Em relação ao concelho de residência, a maioria reside em Ponta Delgada (71,9%) e vive na ilha à mais de 5 anos (95,1%).

No que diz respeito ao grau de envolvimento no setor do turismo a maioria refere que tem envolvimento pessoal no setor (51,3%), mas nenhum membro do agregado familiar esta envolvido (63,5%).

Cluster 3 – “Preocupados com o ambiente”

Este grupo é o que tem maior número de residentes, com 53,8% dos casos e foi denominado de “Preocupados com o ambiente” por serem os que apresentam uma visão mais negativa relativa aos impactos ambientais do turismo (4, 7, 9, 10, 12).

As afirmações em que os residentes discordam, relativas aos impactos ambientais, referem-se praticamente a todas as afirmações, exceto que o turismo contribui para o melhoramento do planeamento e ordenamento do território (AF18), que pertence às afirmações com resposta positivas.

Este grupo tem uma opinião muito positiva em relação aos impactos económicos, excetuando o aumento da inflação e especulação imobiliária (AF5).

A indecisão nas respostas surge mais nos impactos socioculturais, e manifesta-se nos padrões morais da sociedade não são prejudicados (AF11), no não aumento da insegurança e da criminalidade (AF8) e no não agravamento das desigualdades sociais (AF19).

Este grupo é o que apresenta médias mais elevadas para dois impactos económicos, que são o turismo traz investimento para a economia local (AF3) e contribui para o aumento do rendimento das famílias (AF15).

Relativamente a opinião sobre o desenvolvimento do turismo na ilha de São Miguel, a maioria das respostas deste grupo, foi “Satisfatório” e “Bom” (ver gráfico 6.13).

Em relação a como os residentes avaliam o fluxo turístico, com a liberalização do espaço aéreo e o aumento de escalas de navios de cruzeiros, a maioria das respostas encontram-se na categoria “Satisfatório” e “Muito bom” (ver gráfico 6.14).

Em relação à caracterização sociodemográfica deste grupo, este grupo é constituído maioritariamente por mulheres (61%); o grupo etário é dos 19 aos 34 anos (50%); metade são solteiros ou divorciados (50%); a dimensão do agregado familiar é de 1 a 2 pessoas (56,3%) e a maioria considera que vive confortavelmente em relação ao rendimento do agregado familiar (48,5%). Em relação ao nível de escolaridade a maioria tem o ensino superior (70,3%) e a situação profissional predominante é a exercer atividade (64,1%).

Em relação ao concelho de residência, a maioria reside em Ponta Delgada (71,9%) e vive na ilha à mais de 5 anos (90,5%).

No que diz respeito ao grau de envolvimento no setor do turismo a maioria refere que não tem envolvimento pessoal no setor (59,3%), nem os membros do agregado familiar estão envolvidos (65,6%).

Cluster 4 – “Céticos”

Este grupo de residentes corresponde a 9,2% da amostra, foi denominado de “Céticos”, por ser o grupo que tem o maior número de respostas (11) com médias compreendidas entre 2,5 e 3,5, que corresponde a indecisão de resposta, sendo que a maioria pertence aos impactos socioculturais e ambientais.

A indecisão das respostas, em relação aos impactos socioculturais, manifesta-se perante o não aumento da insegurança e da criminalidade (AF8), o não agravamento das desigualdades sociais (AF19), o aumento do orgulho dos residentes na sua cultura (AF20), no contributo do turismo para melhorar a qualidade de vida dos residentes (AF6) e no contributo do turismo para a liberalização do espaço aéreo.

Em relação aos impactos ambientais, que obtiveram resposta de indecisão são o não provocar a deterioração de locais de interesse histórico, arquitetónico e cultural (AF10), não provoca alterações na paisagem, na biodiversidade (AF9) e no trânsito e estacionamento (AF7) e contribui para melhorar o planeamento e ordenamento do território (AF18).

Este grupo também revela incerteza em alguns impactos económicos, tais como, o turismo incentiva a produção e disponibilidade de produtos locais (AF17) e cria postos de trabalho para os residentes (AF1).

Relativamente à opinião sobre o desenvolvimento do turismo na ilha de São Miguel, a maioria das respostas deste grupo, foi “Satisfatório” e “Bom” (ver gráfico 6.13).

Em relação a como os residentes avaliam o fluxo turístico, com a liberalização do espaço aéreo, neste grupo a maioria das respostas encontram-se na categoria “Bom” (ver gráfico 6.14).

A respeito da caracterização sociodemográfica deste grupo de residentes, os céticos, a maioria são mulheres (91,3%); o grupo etário a que pertence a maioria dos residentes é

dos 19 aos 34 anos (64,1%); o estado civil predominante é solteiro ou divorciados (82,6%); a dimensão do agregado familiar é de 1 a 2 pessoas (54,3%); a maioria considera que dá para viver ou é difícil ou muito difícil viver com o rendimento do agregado familiar (91,4%). Relativamente ao nível de escolaridade a maioria tem o ensino secundário (54,3%); a situação profissional predominante é a exercer atividade (82,6%).

Em relação ao concelho de residência, a maioria reside em Ponta Delgada (82,6%) e vive na ilha à mais de 5 anos (91,3%).

No que diz respeito ao grau de envolvimento no setor do turismo a maioria refere que tem envolvimento pessoal no setor (54,3%), mas que nenhum membro do agregado familiar está envolvido (64,1%).

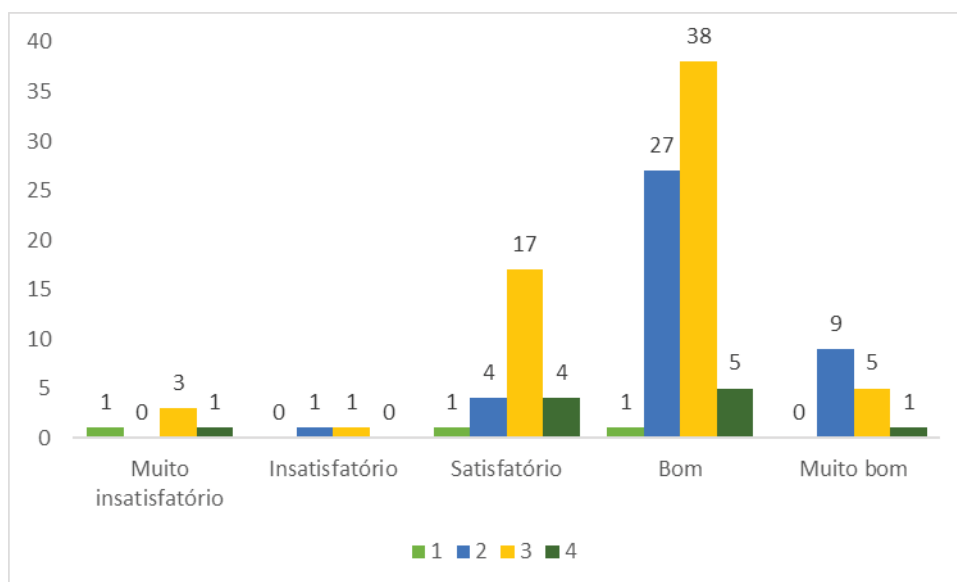


Gráfico 6. 13 – Número de residentes por opinião sobre o desenvolvimento do turismo, por cluster

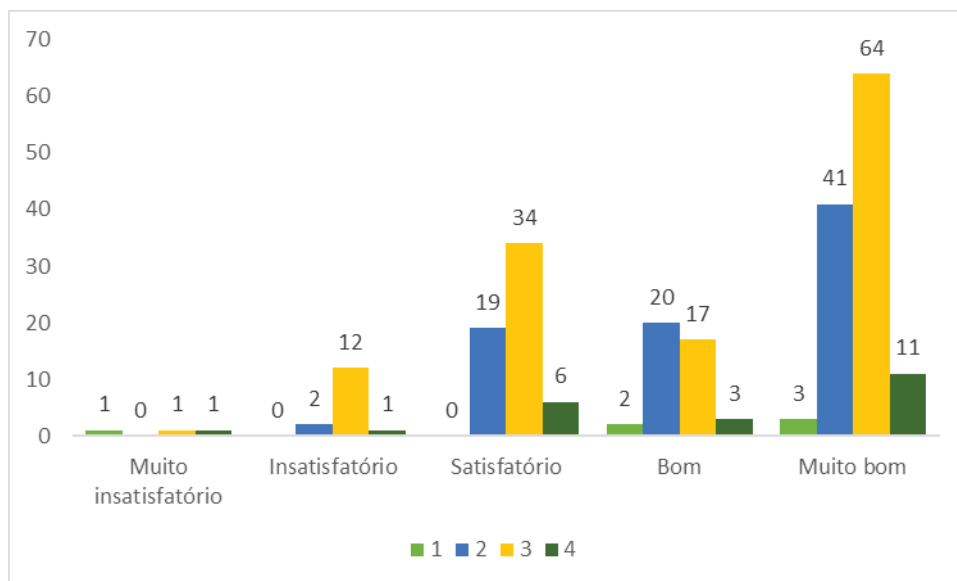


Gráfico 6. 14 – Número de residentes por avaliação do fluxo turístico, com a liberalização do espaço aéreo, por cluster

6.5 Testar as hipóteses

Para testar as hipóteses foram aplicados o teste de chi-quadrado e a ANOVA, utilizando tanto os quatro *clusters* apurados, como só os dois *clusters* com dimensão mais relevante (2 e 3)

Os resultados para a hipótese 1 foram que a maioria das características sociodemográficas não tem influência na percepção dos clusters de residentes sobre os impactos do turismo, exceto a dimensão do agregado familiar, que é a única característica sociodemográfica significativa. Conclui-se que a hipótese, no geral, é rejeitada pela amostra recolhida.

Para a hipótese 2, o teste também não foi significativo para 5%, não se rejeitando a hipótese nula, demonstrando que para a amostra escolhida o rendimento familiar não tem influencia na percepção do grupo de residentes em relação aos impactos do turismo na ilha de São Miguel. Mas a 11% seria significativo, porque existe uma tendência para o cluster 3 viver mais confortavelmente.

Na hipótese 3 e 4 também não foi rejeitada a hipótese nula, para os dois tipos de envolvimento no setor do turismo, assim conclui-se que o envolvimento no setor do turismo não influencia a opinião dos residentes sobre o desenvolvimento do turismo e nem tem influência na avaliação do fluxo turístico com a introdução dos voos *low-cost* e o aumento do número de navios de cruzeiro.

7.6 Conclusão

Neste capítulo foram apresentados os resultados da investigação empírica, em estudo, tendo em conta os objetivos e as questões da investigação. A amostra foi agrupada em quatro *clusters* de residentes, para que fosse possível analisar as opiniões em relação ao desenvolvimento do turismo na ilha de São Miguel.

Capítulo VII - Conclusões, críticas e sugestões

7.1 Conclusões

O principal objetivo desta dissertação foi analisar as percepções e atitudes dos residentes em relação aos impactos do desenvolvimento do turismo. Para tal foram utilizados testes estatísticos, para testar as questões em estudo.

A revisão da literatura demonstra que a percepção e atitudes dos residentes dependem essencialmente de fatores intrínsecos, que nesta investigação foram as características sociodemográficas, o tempo e local de residência, o rendimento familiar e envolvimento com o setor do turismo.

Os resultados obtidos demonstraram que para a amostra recolhida, tais fatores não têm influência significativa na opinião e percepção dos residentes.

Em comparação, com os três casos de estudo em que foi baseada esta investigação, esta amostra é bastante inferior, tendo-se encontrado algumas dificuldades na aplicação dos resultados. Esta investigação tem em comum com os casos de estudo base a maioria dos inquiridos serem mulheres casadas. Divergindo em relação a idade e nível de escolaridade, sendo que as outras variáveis não são comparáveis.

Em relação às investigações base, esta investigação tem menos número de questões.

As questões desta investigação foram todas rejeitadas, demonstrando que para o tipo de amostra recolhida, não existe aplicabilidade das mesmas.

7.2 Críticas e sugestões

Depois de analisados os dados, foram observadas algumas dificuldades na sua aplicabilidade, devido ao tipo de amostra recolhida. Sendo que as respostas a maioria das

questões sociodemográficas se concentram em uma das opções expostas no questionário. A maioria dos inquiridos reside no concelho de Ponta Delgada, vive a mais de 5 anos, tem idade compreendida entre os 19 e os 34 anos, tendo estas variáveis obtido mais de 50% dos casos, tornando a amostra pouco confiável.

Após terminada a investigação, concluiu-se que se poderia ter elaborado o questionário com mais questões sobre os impactos do turismo, e utilizado outro tipo de escalas na caracterização sociodemográfica, para que fosse possível ter maior variabilidade das respostas.

Para investigações futuras ou complementares, sugere-se que o questionário deverá ser aplicado através de entrevista direta em cada concelho da ilha de São Miguel, para ser ter uma distribuição equilibrada das respostas por concelho e por faixa etária. Quanto ao tempo de residência é aconselhável outro tipo de escala ou resposta livre.

É recomendando também que sejam considerados outros fatores que influenciam a opinião dos residentes em relação aos impactos do desenvolvimento do turismo, tais como a felicidade dos residentes.

Bibliografia

Abreu, A. (2015), *As Ilhas e os Objectivos do Desenvolvimento Sustentável*, Diário de Notícias, <http://www.dnoticias.pt/imprensa/diario/opiniaio/547014-as-ilhas-e-os-objectivos-do-desenvolvimento-sustentavel>, página consultada em 3 de abril de 2016.

Andereck, K.; Vogt, C. (2000), The Relationship between Residents' Attitudes toward Tourism and Tourism Development Options, *Journal of Travel Research*.

Ap, J. (1992), Residents' Perceptions on Tourism Impacts, *Annals of Tourism Research*, 19, 665–690.

Ap, J. and Crompton, J.L. (1998), Developing and testing a tourism impact scale, *Journal of Travel Research*, 37 (2), 120–130.

Barbosa, G. (2008), O Desafio do Desenvolvimento Sustentável, *Revista Visões*, nº 4.

Batista, D. (2010), *Turismo, contributo para o desenvolvimento sustentável de áreas protegidas*, Universidade Nova de Lisboa.

Boavida, A. (2012), *A Experiência Turística Partilhada – Contributos para a Hospitalidade e Retenção do Destino Turístico – O Caso da Feira do Cavalo da Golegã*, Instituto Politécnico de Leiria.

Burkart, A. e Medlik, S. (1981), *Tourism, Past Present and Future*, Oxford, Heinemann.

Butler, R. (1980), *The concept of a tourism area cycle of evolution*, *Canadian Geographer*, 24, 5-12.

Carneiro, M.; Eusébio, C. (2015), Host-tourist interaction and impact of tourism on residents' Quality of life, *Tourism e Management*, 11(1).

Cater, E.; Lowman G. (1994), *Ecotourism: A Sustainable Option?*, Chichester: Wiley.

Coelho, J. (2010), *Un Índice de Desarrollo Turístico basado en el Ciclo de Vida de un Destino*, Universidad de Extremadura.

Cordeiro, I. (2008), *Instrumentos de Avaliação da Sustentabilidade do Turismo: Uma Análise Crítica*, Universidade Nova de Lisboa: Faculdade de Ciência e Tecnologias.

Cordero, J. (2008), Residents' perception of tourism, *CIENCIA ergo sum*, 15(1).

Costa, J.; Rita, P. e Águas, P. (2004), *Tendências internacionais em turismo*, Lider.

Cunha, L. (1997), *Economia e Política do Turismo*, McGraw-Hill.

Cunha, L. (2010), Desenvolvimento do Turismo em Portugal: OS Primórdios, *Fluxos e Riscos*, nº1, pp. 127-149.

Cunha, L.; Abrantes, A. (2013), *Introdução ao Turismo*, 5ª Edição, Lidel.

Doxey, G. (1975), A Causation Theory of Visitor-Resident Irritants: Methodology and Research Inferences, *Proceedings of the Sixth Annual Conference of the Travel and Tourism Research Association*. San Diego, CA: TTRA.

Escola S/3 Arqº Oliveira Ferreira (s.d), *Informação Turística: Impacto do Turismo*.
Página Consultada em 10 de Setembro 2015.

<https://sites.google.com/site/informacaoturistica11/6-impacto-do-turismo>.

Eusébio, C. (2006), *Avaliação do impacte económico do turismo a nível regional: O caso da Região Centro de Portugal*, Universidade de Aveiro.

Eusébio, C.; Carneiro, M. (2010), A importância da percepção dos residentes dos impactes do turismo e da interacção residente-visitante no desenvolvimento dos destinos turísticos, *7º Workshop APDR - XXXVI Reunión de Estudios Regionales, Badajoz - Elvas*.

Eusébio, C.; Carneiro, M. (2012), Impactos Socioculturais do Turismo em Destinos Urbanos, *Revista Portuguesa de Estudos Regionais*.

Ferreira, I. (2006), "Os impactos sociais, económicos e culturais do turismo em Guaramiranga", *Revista Turismo*,

<http://www.revistaturismo.com.br/artigos/guaramiranga.html>, consultado em 12 de setembro 2015.

Freitas, M. (2010), *As atitudes dos Residentes do Porto Santo perante o Turismo*, Universidade de Aveiro.

Garcia, A. (2011), *O Turismo Sustentável como Instrumento de Desenvolvimento Económico: O caso das Ilhas do Triângulo Açorianas*, Universidade Técnica de Lisboa: Instituto Superior de Economia e Gestão.

Heras, M. (2004), *Manual del Turismo Sostenible. Como conseguir un Turismo Social, Economico y Ambientalmente Responsable*, Ediciones Mundi- Prensa.

Inbakaran, R.; Jackson, M. (2006), Resident attitudes inside Victoria's tourism product regions: a cluster analysis, *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 13(1), 59-74.

Jordan, E.; Vogt, C.; DeShon, R. (2015), A stress and coping framework for understanding resident responses to tourism development, *Tourism Management*.

Leví, M. (2012), *O Turismo E Desenvolvimento Sustentável: Contributos do Turismo de Natureza no Desenvolvimento do Parque Nacional da Gorongosa*, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Lima, S. (2012), *As percepções dos residentes do papel do turismo no desenvolvimento da Ilha da Boavista*, Universidade de Coimbra.

Maricato, N. (2012), “*O Turismo em Portugal: Tendências e Perspectivas*”, Universidade de Coimbra, Faculdade de Economia.

<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/20002/1/O%20turismo%20em%20Portugal.pdf>.

Mathieson, A.; Wall, G. (1982), *Tourism, economic, physical and social impacts*, Harlow, Pearson Education.

McIntosh, R. W.; Goeldner C. R.; Ritchie J. R. (1995), *Tourism: Principles, Practices, Philosophies*, *New York: Wiley*, 7ª Edição.

Moniz, A. (2009), *A sustentabilidade do turismo em ilhas de pequena dimensão: O caso dos Açores*, Universidade dos Açores: CEEAplA.

Mshenga, Patience M. et al. (2010), The contribution of tourism to micro and small enterprise growth, *Tourism Economics*, 16, 953–964.

Oliveira, M.; Salazar, A. (2011), *Os impactos do turismo: O caso da viagem medieval de Santa Maria da Feira*, Book of proceedins Vol.I: International conference on Tourism & Management studies, Algarve.

OMT (2003), *Turismo Internacional: uma perspectiva global*, 2ª Edição, Porto Alegre: Bookman.

Pereira, S. (2010), *Percepção e atitude dos residentes face aos casinos: o caso do Casino de Espinho*, Universidade de Aveiro.

Plano Estratégico e de Marketing do Turismo dos Açores, ipdt - Instituto do Turismo.
http://www.azores.gov.pt/PortalAzoresgov/external/portal/misc/PEM_ACORES2.pdf

Renda, A. (2012), *Perceção dos Residentes sobre o impacto do turismo na sua qualidade de vida: O caso do concelho de Loulé*, Universidade do Algarve.

Reisinger, Y.; Turner, L. (2003), *Cross-cultural behavior in tourism: Concepts and analysis*.Berlinton, MA: Butterworth and Heinemann

Ribeiro, M. (2009), *Atitudes dos residentes face ao desenvolvimento do turismo em Cabo Verde*, Universidade do Algarve.

Rivera, M.; Croes, R.; Lee, S. (2015), Tourism development and happiness: A residents' perspective, *Journal of Destination Marketing & Management*.

Rodrigues, A. et al. (2014), Apoio da Comunidade residente ao desenvolvimento turístico sustentável: um modelo de equações estruturais aplicado a uma cidade histórica do Norte de Portugal, *Tourism e Management Studies*, 10(2).

Rodrigues, S. (2012), *Turismo sustentável em destinos rurais: o papel dos residentes*, Universidade de Aveiro: Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial.

Santos, A. (2011), *O turismo e a percepção dos seus impactes pela comunidade local – O caso da ilha do Sal, Cabo Verde*, Universidade Aberta.

Serviço Regional de Estatística dos Açores (2005), *Estudo sobre as atitudes dos residentes face ao turismo nos Açores*, Vice-Presidência do Governo Serviço Regional de Estatística dos Açores.

Silva, F. (2013), *Turismo na natureza como base do desenvolvimento turístico responsável nos Açores*, Universidade de Lisboa: Instituto de Geografia e Ordenamento do Território.

Sinclair-Maragh, G.; Gursoy, D.; Vieregge, M. (2014), Residents perceptions toward tourism development: A factor-cluster approach, *Journal of Destination Marketing & Management*.

Scalabrini, E.; Remoaldo, P.; Lourenço, J. (2014), Percepções de residentes a respeito dos impactes da atividade turística: Uma análise das publicações brasileiras sobre o tema, *Tourism and Hospitality International Journal*, 2(2), 12-31.

Snepenger, D.; O'Connell, R.; Snepenger M. (2001), The Embrace-Withdraw Continuum Scale: Operationalizing Residents' Responses toward Tourism Development, *Journal of Travel Research*, 40:151–155.

Souza, C. (2009), *Turismo e Desenvolvimento: percepções e atitudes dos residentes da Serra da Estrela*, Universidade de Aveiro

Stylidis, D.; Biran, A.; Sit, J.; Szivas, E. (2014), *Residents support for tourism development: The role of residents place image and perceived tourism impacts*, Tourism Management.

Swarbrook, J. (1999) *Sustainable Tourism Management*, Wallingford, CAB International.

Vieira, J. (2007) *Planeamento e Ordenamento Territorial do Turismo - Uma Perspectiva Estratégica*, Lisboa, Editorial Verbo.

Wang, Y.; Pfister, R. (2008). *Residents' Attitudes toward Tourism and Perceived Personal Benefit in a Rural Community*, Journal of Travel Research, 47: 84-93.

WTO (1999) *International Tourism: A Global Perspective*, 2ª Edição, Madrid.

Anexo 1 - Questionário

O presente questionário visa conhecer a opinião dos residentes sobre o turismo na ilha de São Miguel e está a ser implementado no âmbito de uma dissertação de Mestrado em Gestão de Turismo Internacional, a realizar na Universidade dos Açores. Agradecemos desde já toda a colaboração que nos possa prestar e informamos que os dados fornecidos são destinados apenas a fins académicos e estatísticos e permanecerão confidenciais.

1. Reside em São Miguel?	Sim	Não	2. Em que concelho?	
3. Há quanto tempo?	Menos de 1 ano		De 1 a 5 anos	Mais de 5 anos

Numa escala de 1 a 5, dê-nos a sua opinião para as seguintes perguntas.

1. Muito insatisfatório 2. Insatisfatório 3. Satisfatório 4. Bom 5. Muito bom

4. Qual é a sua opinião sobre o desenvolvimento do Turismo na ilha de São Miguel?

1	2	3	4	5
----------	----------	----------	----------	----------

5. Como avalia o fluxo turístico, com a introdução dos voos lowcost e o aumento do número de escalas de navios de cruzeiros?

1	2	3	4	5
----------	----------	----------	----------	----------

6. Dê-nos a sua opinião relativamente às seguintes afirmações sobre o impacto do turismo na região.

	<i>Discordo totalmente</i>	<i>Discordo mais do que concordo</i>	<i>Não discordo nem concordo</i>	<i>Concordo mais do que discordo</i>	<i>Concordo totalmente</i>	<i>Não tenho opinião</i>
1. Cria postos de trabalho para os residentes	1	2	3	4	5	6
2. Beneficia as empresas/negócios locais	1	2	3	4	5	6
3. Traz investimentos para a economia local	1	2	3	4	5	6
4. Contribui para o aumento da poluição do meio ambiente	1	2	3	4	5	6
5. Provoca o aumento dos preços dos bens e das propriedades	1	2	3	4	5	6
6. Contribui para melhorar a qualidade de vida dos residentes	1	2	3	4	5	6
7. Provoca problemas de trânsito e estacionamento	1	2	3	4	5	6
8. Aumenta a insegurança e a criminalidade	1	2	3	4	5	6
9. Provoca alterações na paisagem e na biodiversidade (fauna e flora)	1	2	3	4	5	6
10. Provoca a deterioração de locais de interesse histórico, arquitetónico e cultural	1	2	3	4	5	6
11. Prejudica os padrões morais da sociedade local	1	2	3	4	5	6
12. Dificulta o acesso a zonas balneares e outros locais de lazer	1	2	3	4	5	6
13. Ajuda a conservar a identidade cultural e o património	1	2	3	4	5	6
14. Pode levar à escassez de recursos naturais necessários à população local	1	2	3	4	5	6
15. Contribui para o aumento do rendimento das famílias	1	2	3	4	5	6
16. Contribui para o melhoramento das infraestruturas e dos serviços públicos	1	2	3	4	5	6
17. Incentiva a produção e disponibilidade de produtos locais	1	2	3	4	5	6
18. Contribui para melhorar o planeamento e ordenamento do território	1	2	3	4	5	6

19. Agrava as desigualdades sociais	1	2	3	4	5	6
20. Aumenta o orgulho dos residentes na cultura local	1	2	3	4	5	6
21. Contribui para a liberalização do espaço aéreo	1	2	3	4	5	6

Dê-nos agora alguma informação sobre si. Reafirmamos que as respostas são anónimas.

Sexo: Masculino Feminino

Idade: _____ anos

Número de pessoas no agregado familiar: _____

Estado civil: () Solteiro() Casado/União de facto() Divorciado() Viúvo

Nível de escolaridade:

- () Nenhum
 () 1º Ciclo Ensino básico (4ª classe)
 () 2º Ciclo Ensino básico (5º e 6º ano/preparatório)
 () 3º Ciclo Ensino básico (9º ano/5º ano dos liceus)
 () Secundário (12º ano/7º ano dos liceus ou equivalente)
 () Superior Politécnico
 () Superior Universitário (1º ciclo)
 () Mestrado ou Doutoramento (2º e 3º ciclos)

Situação profissional:

- () Trabalhador(a) por contra de outrem
 () Trabalhador(a) por conta própria
 () Trabalhador(a) em empresa/negócio familiar
 () Desempregado(a) à procura de emprego
 () Desempregado(a) não à procura de emprego
 () Doméstico(a)
 () Estudante
 () Reformado(a)
 () Outra situação

Rendimento do agregado familiar:

- () O rendimento disponível permite viver confortavelmente
 () O rendimento disponível dá para viver
 () É difícil viver com o rendimento disponível
 () É muito difícil viver com o rendimento disponível

Tem algum envolvimento pessoal no setor do turismo? (marque só uma resposta).

- () Tem (ou teve) um negocio no setor do turismo (alojamento, restauração, rent-a-car, atividades de animação e lazer)
 () Tem (ou teve) um emprego no setor do turismo (alojamento, restauração, rent-a-car, atividades de animação e lazer)
 () Trabalha (ou trabalhava) noutra atividade, mas tem (ou tinha) contato direto com turistas
 () Não está envolvido/Nenhum envolvimento

Tem outro membro do seu agregado familiar com envolvimento no setor do turismo? (marque só uma resposta).

- () Tem (ou teve) um negocio no setor do turismo (alojamento, restauração, rent-a-car, atividades de animação e lazer)
 () Tem (ou teve) um emprego no setor do turismo (alojamento, restauração, rent-a-car, atividades de animação e lazer)
 () Trabalha (ou trabalhava) noutra atividade, mas tem (ou tinha) contato direto com turistas
 () Não está envolvido/Nenhum envolvimento

Anexo 2

Caracterização sociodemográfica	Cluster 1 2,5%	Cluster 2 34,5%	Cluster 3 53,8%	Cluster 4 9,2%	TOTAL 100%
Sexo					
Feminino	68,0%	68,4%	61,0%	91,3%	66,4%
Masculino	32,0%	31,6%	39,0%	8,7%	33,6%
Grupo etário					
19 a 34 anos	0,0%	58,6%	50,0%	64,1%	52,9%
35 a 54 anos	68,0%	22,0%	32,7%	8,7%	27,7%
+55	32,0%	19,4%	17,1%	27,2%	19,3%
Estado civil					
Casada/União de facto	100,0%	46,4%	45,4%	18,5%	44,5%
Solteiro ou Divorciado	0,0%	53,6%	50,0%	82,6%	52,9%
Viúvo	0,0%	0,0%	4,6%	0,0%	2,5%
Dimensão do agregado familiar					
1-2	68,0%	46,4%	56,3%	54,3%	52,9%
3-4	32,0%	17,1%	29,7%	27,2%	25,2%
+4	0,0%	36,5%	14,1%	18,5%	21,8%
Nível de escolaridade					
Ensino básico	68,0%	9,9%	3,2%	8,7%	7,6%
Ensino secundário	0,0%	31,6%	26,6%	54,3%	62,2%
Ensino superior	32,0%	58,6%	70,3%	37,0%	30,3%
Situação profissional					
Desempregado ou Estudante	68,0%	22,0%	12,5%	18,5%	17,6%
Exerce atividade	32,0%	58,6%	64,1%	82,6%	63,0%
Reformado ou Outra situação	0,0%	19,4%	23,4%	0,0%	19,3%
Rendimento do Agregado familiar					
É difícil ou muito difícil viver	32,0%	17,1%	17,1%	45,7%	41,2%
Dá para viver	0,0%	53,6%	34,4%	45,7%	20,2%
vive confortavelmente	68,0%	29,3%	48,5%	8,7%	38,7%
Concelho de residência					
Ponta Delgada	68,0%	68,4%	71,9%	82,6%	71,4%
Outros	32,0%	31,6%	28,1%	18,5%	28,6%
Tempo de residência					
Menos de 1 ano	0,0%	2,3%	3,2%	0,0%	5,0%
De 1 ano a 5 anos	0,0%	2,3%	6,3%	8,7%	2,5%
Mais de 5 anos	100,0%	95,1%	90,5%	91,3%	92,4%
Envolvimento pessoal com o setor					
Sem envolvimento	68,0%	48,7%	59,3%	45,7%	54,6%
Com envolvimento	32,0%	51,3%	40,5%	54,3%	45,4%
Envolvimento de um familiar no setor					
Sem envolvimento	68,0%	63,5%	65,6%	64,1%	64,7%
Com envolvimento	32,0%	36,5%	34,4%	37,0%	35,3%